

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Pio XII

Frei Jamaría de Sortino O. F. M. Cap. 129

O novo Ordo Liturgico da Semana Santa

Decreto e Instrução da S. Congregação dos Ritos 135

Disciplina Religiosa e Vida Interior, Perante as
Necessidades dos Tempos Modernos

Pe. Tobias Dequit C. M. 146

A Enfermagem Religiosa, Ministério Humano - divino

Pe. José de Oliveira Dias S. I. 156

Carta a uma Superiora

Pe. Geraldo Fernandes C. M. F. 170

O Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado

Por uma Missionária de Jesus Crucificado 171

As Secções Estaduais da C. R. B.

Pe. Irineu Leopoldino de Sousa S. D. B. 179

Crônica dos Religiosos — Novas fundações em 1955

Informação do Departamento de Estatística 184

Crônica dos Religiosos 189

Santos Fundadores celebrados no mês de Março 191

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

PIO XII

Frei Jamaría de Sortino O. F. M. Cap.

Ocorre, a 2 de março, o 80.^o aniversário de nascimento, como também o 17.^o de sua elevação à Cátedra de São Pedro, do Sumo Pontífice gloriosamente reinante, o Santo Padre o Papa Pio XII.

A grande data não podia passar despercebida para as centenas de milhões de católicos do mundo que, num preito de fé e de admiração, querem lhe manifestar seu amor, seu entusiasmo, sua gratidão. Nós estamos assistindo a uma verdadeira porfia de homenagens, sobretudo espirituais, que todos querem lhe prestar. Dos Cardeais aos Bispos, do clero ao povo, das Dioceses e Paróquias às Associações Religiosas, às Ordens sobretudo, Congregações e Institutos Religiosos, estão todos empenhados numa grandiosa homenagem espiritual, de orações, missas, sacrifícios e boas obras, ao Vigário de Cristo na Terra, ao Guia e Chefe da Igreja Católica, ao Pai e Supremo Pastor das almas, a Pio XII, num hino de agradecimento pelos seus 80 anos de vida e 17 de Papado.

o O o

Na história da Igreja e dos Papas observamos que, para cada época, Deus escolhe e eleva à Cátedra de Pedro homens apropriados ao tempo, de modo que, cada Papa, imprimindo-lhe a própria personalidade, permeia de sua obra o período em que viveu. Não podemos imaginar um Papa avulso da época e do ambiente que o rodeou, das lutas e das dificuldades próprias de seu tempo. Isso observamos principalmente nos últimos decênios, quando, com o mudar mais rápido de usos e costumes, de descobertas científicas e novos sistemas políticos, a Igreja teve que viver e se adaptar, quase, a cada mudança e aos novos progressos, procurando

corrigir os erros e moderar os excessos. Assim de Pio IX a Leão XIII, de Pio X e Bento XV a Pio XI. Cada um marcou de modo característico o período em que reinou, e cada um, parece, foi escolhido para aqueles anos.

Assim também Pio XII.

Elevado ao Sumo Pontificado num dos períodos mais difíceis da história, quando a segunda guerra mundial estava às portas, quando os totalitarismos imperavam na Europa e outros lugares, reinando quando o horror das destruições, da miséria e da fome, trazidos pela guerra, se alastraram pela Europa e pelo mundo, e os ódios, cessadas as armas, faziam e fazem viver à Igreja um período de perseguições talvez o mais triste e feroz em toda a sua história milenária, Pio XII, do alto do Vaticano, aureolado de branco, aparece como o anjo de luz e de bondade, procurando levar a paz aos corações obcecados pelo ódio e pelas vinganças, levar amor aos perseguidos, dispersos, ao mundo todo sofredor. Aclamado «**Pastor Angelicus**», passou e passa como verdadeiro anjo num mundo pervertido pelas paixões e pela imoralidade na vida pública e privada. Foi verdadeiro Mestre com seus ensinamentos contidos nas Encíclicas e discursos; foi o verdadeiro Pastor das almas que quer todas salvas; foi o verdadeiro Pai que, no gesto largo e majestoso que lhe é próprio, quis apertar a humanidade toda num abraço carinhoso de fé e de amor em Cristo. Pio XII é verdadeiramente o nosso Papa, o Papa de nosso tempo.

o O o

Sua obra de paz é, realmente, grandiosa, e de certo só mais tarde a história poderá mostrar aos homens os esforços realizados por Ele para que as nações depusessem as armas e acalmassem seus ódios e a sede de vingança. Através das vias diplomáticas nada foi poupado para alcançar seus objetivos de paz, e só a malícia humana e as dificuldades impostas pelos ódios é que impediram a realização de seus desejos. Mas em seus discursos nunca deixou de dirigir sua palavra aos povos, palavra de paz e de perdão, dando as diretrizes que teriam levado logo a um período de verdadeira tranquilidade, se guias e chefes de nações tivessem ouvido mais suas exortações. E quando viu que todo remédio era inútil, consagrava o mundo ao Sagrado Coração de Maria, única esperança de salvação num período de ruínas, e recorria à oração e à penitência, mesmo publicamente. Quem poderá esquecer suas exortações, quando da consagração a Maria, ou depois dum solene ato de penitência em que Ele tomou parte em São Pedro, com o povo todo, ou ainda quando,

da libertação de sua querida cidade, Roma, pela proteção de Maria, que proclamava «Salus Populi Romani»?

o O o

Sua obra de caridade, durante a guerra e depois, atingiu o que há de mais admirável e divino, estendendo-se a cidades, a nações e continentes inteiros. Quem não assistiu aos horrores e consequências da guerra, dificilmente poderá ter uma idéia da grandiosidade da obra caritativa de Pio XII. Quando dezenas e centenas de milhares de pessoas, dispersas ou separadas pela guerra, anelavam uma notícia de seus familiares, eis o «Ufficio Informazioni» do Vaticano a enviar milhões de mensagens, confortando e aliviando o sofrimento moral de milhares de corações, quando a destruição atingiu cidades inteiras, ficando suas populações literalmente sem nada, sem abrigo e na completa miséria, eis a «Pontificia Comissão de Assistência» a trazer o auxílio material, vindo de encontro às necessidades mais prementes da vida, dando assim uma luz de esperança a muitas almas desesperadas. E isso não só a católicos, mas a todos, sem olhar o credo, a nação, a raça ou ideologia política.

Vimos Pio XII deixar o Vaticano quando os horrores da guerra atingiram a sua Roma, para levar consolo a quantos ficaram alastrados na miséria, sem casa e sem pão. Quando do bombardeio que atingiu a Basílica de São Lourenço «extra muros», lá estava Pio XII com sua branca túnica manchada do sangue dos feridos, a chorar e sofrer com seu povo, sobre as ruínas da antiga basílica, e a rezar pelas almas dos falecidos, vários milhares daquela vez, debaixo das bombas e das ruínas.

Coração grande e santo, Pio XII estava e está presente ainda onde sua obra de caridade se torna necessária, onde há corpos para alimentar e vestir e almas para consolar. Muito êle recebe da caridade dos católicos para muito mais dar aos necessitados, quase canal de bem para derramar uma chuva de caridade.

o O o

Para nosso Brasil sua predileção e seu carinho foram sempre grandes, vendo nêle uma das maiores nações do mundo católico. Desde o dia em que o então Cardeal Eugênio Pacelli pisou nesta terra de Santa Cruz e, das alturas do Corcovado, pôde admirar as belezas da baía de Guanabara e os encantos de toda a terra brasileira, e conhecer a fé simples mas sincera, e o entusiasmo ardoroso deste povo nascido à sombra da Cruz, sua predileção para nós nunca deixou de ser manifesta, e parece que êle procura essas oportunidades para todas as vezes fazê-lo.

Pio XII olha para nós como a uma das terras mais férteis da Igreja, e, incitando-nos ao cultivo das vocações, ao aumento do clero, multiplicando nossa hierarquia e nossas circunscrições eclesiásticas, incitando-nos a cultivarmos a devoção e o amor verdadeiro à SSma. Eucaristia, «para que o Redentor e Rei divino, não só de direito, mas de fato, reine em quantos corações palpitam do Amazonas ao Prata, estabelecendo em todos o seu reinado de paz e de amor, de justiça e de santidade, que só assim será, mesmo temporalmente, segundo as divinas promessas, reino de «Ordem e Progresso», de tranquilidade e concórdia e prosperidade verdadeiras», Pio XII espera de nós que, filhos devotos e fiéis, estejamos à altura da missão que Deus confiou ao Brasil.

o O o

Pio XII, porém, está principalmente na alma e no coração de nós todos, os Religiosos e Religiosas do Brasil e do mundo, pois Ele é o nosso verdadeiro Chefe e Guia, representando para nós o Cristo ao qual nos dedicamos inteira e totalmente pela profissão dos votos religiosos.

Quando, desaparecidos os horrores da guerra, o mundo esperava viver um período de maior calma e paz, e, pelo contrário, viu-se rodeado, não só pela miséria material e ameaças de perigos maiores, mas, sobretudo, pela miséria espiritual a permear corações e almas; quando uma renovação na vida e nos métodos se impunha, para a penetração nas massas, completamente afastadas de Deus pela influência cada vez maior do materialismo, do ateísmo e da imoralidade reinante, é a voz de Pio XII que ressoa do alto do Vaticano, chamando o mundo todo a uma renovação baseada na fé e caridade cristãs, numa obra de salvação dos princípios morais e espirituais do cristianismo e da humanidade.

Sua palavra, dirigida ao Clero, Bispos e Sacerdotes, à Ação Católica e Associações religiosas para que, na atualização dos métodos de apostolado, dêem colaboração completa na elevação espiritual do mundo, dirige-se também aos Religiosos e Religiosas do mundo todo. O movimento que envolveu este exército pacífico e ao mesmo tempo poderosíssimo, — «forças unidas de inasaurível valor potencial — escreveu Pe. Lombardi — que é necessário afervorar intimamente, de maneira adequada à altura dos tempos e, depois, dispor nos vários setores com planos estudados numa estratégia universal muito mais prudente» — esse movimento saiu do coração grande e apostólico de Pio XII, que viu nele o meio mais eficaz e apto para uma completa revolução nos campos do es-

pirito, com a influência que os religiosos têm em todos os campos da vida crista e civil, como em todos os campos do ensino e do apostolado.

«De que não poderiam ser capazes estas centenas e centenas de milhares de homens e mulheres de todas as nações, inteiramente consagrados ao serviço da Igreja e das almas, aos quais, com o simples sinal de alguma ordem se pode impor qualquer estudo, qualquer atividade, qualquer sacrifício para a vida e para a morte?» (Pe. Lombardi).

O movimento de renovação e adaptação do apostolado dos religiosos aos tempos modernos viu milhares de almas movimentarem-se nesse sentido, reunidas em dezenas de Congressos memoráveis, do primeiro, internacional, realizado em Roma durante o Ano Santo de 1950 ao nosso de 1954, congregando religiosos de todo o Brasil.

Ninguém poderá esquecer as palavras que o Santo Padre, a 8 de dezembro de 1950, dirigiu aos Religiosos, à conclusão do grande Congresso que os havia congregado aos milhares na Capital do mundo católico, para discutirem sobre a perfeita observância dos conselhos evangélicos nos tempos atuais.

A juízo do Santo Padre êsse Congresso era sumamente necessário, já que — dizia Ele — o evoluir das circunstâncias às quais a Igreja tem que se adaptar, certas teorias que se formam e circulam até no recinto da Igreja e tanger também argumentos que se referem ao estado e profissão de perfeição moral, as urgentes necessidades do apostolado ao qual largamente e generosamente vos dedicais, tudo intensamente aconselhava um encontro de debate e de estudo muito preparado».

Deu as normas de vida dos religiosos na Igreja, perante os Bispos, e o clero secular, e principalmente perante a própria obrigação no conseguimento da perfeição evangélica: «Os fundadores de Institutos religiosos as mais das vezes excogitavam sua nova obra justamente para vir de encontro às necessidades e tarefas da Igreja, respondendo assim e às exigências de seu tempo. Se quiserdes, pois, seguir, os exemplos dos fundadores, fazei também vós o que eles fizeram».

Deu sugestões para que na religião não se veja um refúgio contra as dificuldades e as lutas da vida, mas, ao contrário, um estado de imolação completa na perfeita obediência e renúncia da própria vontade; e suas diretrizes para uma atividade exterior baseada na vida interior, adaptada aos tempos mudados da vida moderna, são algo de sublime, que somente da suma inteligência, grande santidade e coração apostólico de Pio XII poderiam sair.

«Há um patrimônio da Igreja que desde os primeiros séculos é intangível, e nas vicissitudes dos séculos não muda, correspondendo sempre perfeitamente às mesmas necessidades e aspirações do gênero humano. Há, porém, muitos pormenores nos quais podeis e deveis vos adaptar ao modo e às necessidades dos homens e dos tempos».

E concluindo: «O alvo ao qual deve ser dirigida vossa vida de piedade e vossa atividade... são a perfeição cristã e a salvação das almas. Pertence, porém, a vós usar daqueles meios poderosíssimos, quais são os conselhos evangélicos professados com os votos religiosos, ... e assim tornar-se cada vez mais santos e incansáveis cooperadores de Deus em procurar a salvação do gênero humano. Dirigí vossos pensamentos e vossas fadigas para estes ideais; «arraigados e baseados na caridade», (Eph. 3, 17), fortalecidos por uma fé robusta, ricos de humildade, não deixeis fugir ocasião alguma para levar ao Creador, ao Redentor, os homens vossos irmãos, ao Pastor as ovelhas desgarradas».

Sob essa palavra de ordem os Religiosos, unidos pelo ideal comum da caridade na unidade, congregados em tôdas as partes do orbe católico para que, na união, consigam alcançar o melhor êxito no seu trabalho e nos sacrifícios feitos, continuam sua obra de estudo e de apostolado, conforme o tempo em que vivemos e os fins de cada Instituto, para a realização das aspirações e desejos do coração do «doce Cristo na terra», o Papa.

o O o

Na passagem desta gloriosa data da vida de Pio XII, que inicia mais um ano de sua preciosa existência, a Conferência dos Religiosos do Brasil, pelos seus membros congregados num só amor a Cristo e a seu Vigário na terra eleva aos céus fervorosas orações para que Deus abençoe e assista sempre com a luz do seu Espírito o nosso Santo Padre, para que seja sempre um farol no meio das trevas do mundo, e faz votos que por muitos anos ainda continue a nos guiar para o bem, a santidade e o apostolado mais fecundo.

«Dominus conservet eum et vivificet eum, et beatum faciat eum in terra, et non tradat eum in animam inimicorum ejus».



O NOVO ORDO LITURGICO DA SEMANA SANTA (1)

DECRETO GERAL DA SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS

Desde a época apostólica a Santa Madre Igreja se esforçou em celebrar, todos os anos, com uma recordação tôda especial, os maiores mistérios de nossa redenção, isto é, a paixão a morte e a ressurreição de N. S. Jesus Cristo. Primeiramente se celebravam os principais momentos dêsses mistérios num tríduo particular, chamado de Cristo «cruificado, sepultado e ressuscitado» (Sto. Agostinho, Ep. 55, 14); logo depois ajuntou-se a solene comemoração da instituição da Santíssima Eucaristia, por fim, no domingo que precede imediatamente a paixão, surgiu a celebração litúrgica do solene ingresso de Nosso Senhor, rei messiânico, na cidade santa; daí nasceu a especial semana litúrgica que, pela sublimidade dos mistérios celebrados, foi chamada **santa** e dotada de ritos muito solenes e piedosos.

Esses ritos, porém, no começo, celebravam-se nos mesmos dias da semana e nas mesmas horas dos dias nos quais aconteceram os sagrados mistérios. Assim a instituição da Santíssima Eucaristia comemorava-se na tarde da quinta-feira, com a Missa solene «in Cena Domini»; nas horas vespertinas da sexta-feira celebrava-se o singular ato litúrgico da paixão e morte do Senhor; e na tarde do sábado santo se iniciava a vigília solene que acabava na manhã seguinte com a alegria da ressurreição.

Mas na idade média, por vários motivos, começou-se de tal modo a antecipar o tempo da realização da liturgia dêstes dias que, para o fim, da mesma idade média, tôdas essas solenidades litúrgicas estavam antecipadas para as horas matinais, de certo não sem detrimento do sentido litúrgico nem sem confusão entre as narrações evangélicas e as representações litúrgicas que a elas se referem. Principalmente a solene liturgia da vigília pascal, deslocada de seu próprio lugar, à noite, perdeu,

(1) AAS, XLVII, n.º 17, pág. 838.

a primitiva clareza e o sentido das palavras e aos símbolos. Além disso, o dia do sábado santo, invadido por uma antecipada alegria pascal, perdeu o seu significado de luto pela lembrança da sepultura do Senhor.

Em época mais recente, mais uma mudança apareceu, e esta muito grave sob o aspecto pastoral. De fato, a quinta-feira, a sexta e o sábado da semana santa por muitos séculos foram enumerados entre os dias festivos, de certo com o fim de que todo o povo cristão, livre das obras servís, pudesse intervir às sagradas cerimônias destes dias; mas no decorrer do século XVIII os próprios Romanos Pontífices, pelas condições da vida social completamente mudada, resolveram diminuir o número dos dias festivos. Assim Urbano VIII, pela Constituição apostólica «*Universa per orbem*», do dia 24 de setembro de 1642, foi obrigado a enumerar também, o sagrado tríduo da semana santa não mais entre os dias festivos, mas entre os feriais.

Por conseguinte a frequência dos fiéis a estes sagrados ritos decresceu necessariamente, sobretudo pelo fato de que sua celebração, desde muito tempo, tinha sido antecipada às horas matinais, quando as escolas, as fábricas e os serviços públicos de qualquer gênero, em toda parte, costumam funcionar e realmente funcionam. De fato a experiência comum quase universal ensina que estes solenes e graves atos litúrgicos do sagrado tríduo costumam ser realizados pelos clérigos, ficando as igrejas, muitas vezes quase desertas.

O que, de certo, é muito lamentável. De fato os ritos litúrgicos da semana santa não somente possuem especial solenidade, mas também uma particular força e eficácia sacramental para fomentar a vida cristã; e não podem obter justa compensação naqueles piedosos exercícios de devoção que costumamos chamar extra-litúrgicos, e que se realizam nas horas vespertinas do tríduo sagrado.

Por esses motivos homens peritos em liturgia, sacerdotes que exercem cura de almas, e em primeiro lugar os próprios Exmos. Antístites, nestes últimos anos enviaram reiteradas súplicas à Santa Sé, pedindo que os atos litúrgicos do tríduo sagrado fossem recolocados, como antes, nas horas vespertinas, no intuito de que todos os fiéis mais facilmente possam assistir aos mesmos ritos.

Ponderado, pois, maduramente o assunto, o Sumo Pontífice Pio XII, desde 1951 instaurou a liturgia da sagrada vigília pascal a ser realizada, no entanto a juízo dos Ordinários e como experiência.

Como, porém, esta experiência foi ôtimamente bem sucedida em

tôda parte, conforme muitos Ordinários referiram à Santa Sé, e como os mesmos Ordinários não deixaram de reiterar preces pedindo que, como para a vigília pascal, também para os outros dias da semana santa se fizesse igual restauração litúrgica, restituindo às funções sagradas às horas vespertinas; considerando também que as missas vespertinas previstas pela Constituição apostólica «Christus Dominus» de 6 de janeiro, de 1953 se celebram em tôda parte com mais numerosa assistência de povo; visto tudo isso o SSmo. S. N. Pio Papa XII ordenou que a Comissão para a reforma da liturgia, constituída pelo mesmo Santo Padre, examinasse a reforma do Ordo da Semana Santa e propusesse a conclusão Obtida a qual, a mesma Sua Santidade decretou que, pela importância do assunto, tôda a questão fôsse submetida a um particular exame dos Eminentíssimos Padres da Sagrada Congregação dos Ritos.

E os Eminentíssimos Padres, reunidos em sessão extraordinária, a 19 de julho do corrente ano, no Palácio Vaticano, ponderado maduramente o assunto, deliberaram unânimemente que o novo Ordo da semana santa fôsse aprovado e prescrito, se assim agradasse a Sua Santidade.

Sendo tudo relatado detalhadamente ao SSmo. Senhor Nosso pelo abaixo assinado Cardeal Prefeito, Sua Santidade dignou-se aprovar o que os mesmos Eminentíssimos Cardeais tinham deliberado.

Portanto, por especial mandado do mesmo SSmo. S. N. Pio pela Divina Providência Papa XII, a Sagrada Congregação dos Ritos estabeleceu o que segue :

I — PRESCREVE-SE O NOVO ORDO DA SEMANA SANTA

1. Os que seguem o rito romano, no futuro, são obrigados a observar o novo Ordo da semana santa, descrito na edição típica vaticana. Os que seguem outros ritos latinos são obrigados a observar sòmente o tempo das celebrações litúrgicas estabelecido no novo Ordo.

2. Este novo Ordo deve ser observado a começar do dia 25 de março, segundo Domingo de Paixão ou de Ramos, de 1956.

3. Em tôda a semana santa não é admitida comemoração alguma, e na missa proibem-se as coletas, de qualquer modo imperadas.

II — DA HORA COMPETENTE EM QUE SE DEVE CELEBRAR A SAGRADA LITURGIA DA SEMANA SANTA DO OFICIO DIVINO

4. No II domingo de Paixão ou de ramos, na segunda, terça e quarta-feiras da semana santa, o ofício divino se reza nas horas de costume.

5. No sagrado tríduo, isto é: na quinta-feira santa «in Cena Domini», na sexta-feira da paixão e morte do Senhor, e no sábado santo, se o ofício fôr rezado em **coro** ou em **comum**, se observe o seguinte:

Matinas e Laudes não se antecipam à tarde, mas se rezam pela manhã, à hora competente. Porém nas igrejas catedrais, já que na quinta-feira «in Cena Domini» a missa do crisma celebra-se pela manhã, Matinas e Laudes da mesma quinta-feira podem ser antecipadas à tarde.

As horas menores se rezam à hora de costume.

As vésperas, na quinta-feira e na sexta, se omitem, já que em seu lugar estão as principais funções litúrgicas dêsses dias. No sábado santo, porém, se rezam à tarde, à hora de costume.

Completas, na quinta e sexta-feira, se rezam depois das funções litúrgicas vespertinas; no sábado santo se omitem.

Na **recitação privada**, nestes três dias, tôdas as horas canônicas devem ser rezadas conforme as rubricas.

DA MISSA OU AÇÃO LITÚRGICA PRINCIPAL

6. No segundo domingo de paixão a solene bênção e procissão de ramos se realizam pela manhã, à hora de costume; mas no côro, depois de Tércia.

7. Na quinta-feira «in Cena Domini» a Missa do crisma se celebra depois de Tércia. Mas a Missa «in Cena Domini» deve ser celebrada à tarde, à hora mais conveniente, não porém antes das cinco da tarde, nem depois das oito.

8. Na sexta-feira da Paixão e Morte do Senhor o solene ato litúrgico celebra-se nas horas vespertinas, e precisamente pelas três horas; se, porém, algum motivo de ordem pastoral o aconselhar, é permitido escolher uma outra hora mais tarde, mas não depois das seis.

9. A solene vigília pascal deve ser celebrada na hora competente, isto é, naquela que permita que a missa solene da mesma vigília comece pela meia noite, entre o sábado santo e o domingo da ressurreição.

Mas, onde, ponderadas as condições dos lugares e dos fiéis, convier, a juízo do Ordinário do lugar, antecipar a hora da celebração da vigília, esta não se comece antes do crepúsculo do dia, ou melhor, antes do pôr do sol.

III — DA ABSTINENCIA E JEJUM QUARESMAIS A SEREM PROLONGADOS ATE' A MEIA NOITE DO SÁBADO SANTO

10. A abstinência e o jejum prescritos para o tempo de quaresma, e que até agora, conforme o cân. 1252 § 4, cessavam ao meio dia do sábado santo, de agora em diante cessarão à meia noite do mesmo sábado santo.

Não obstante quaisquer disposições em contrário.

Dia 16 de novembro de 1955.

L + S

Prefeito da S. C. R.

C. Card. Cicognani

A. Carinci, Arceb. de Seleuc.

Secretário da S. C. R.

INSTRUÇÃO SOBRE A PERFEITA EXECUÇÃO DO NOVO ORDO DA SEMANA SANTA

Como a finalidade do novo Ordo da semana santa é que a veneranda liturgia destes dias, restituída às suas horas próprias e também mais oportunas, possa mais fácil, devota e frutuosamente ser frequentada pelos fiéis, é de muito interesse que esta salutar finalidade obtenha o desejado êxito.

Por isso pareceu oportuno, a esta Sagrada Congregação dos Ritos, acrescentar, ao decreto geral do novo Ordo da semana santa, uma **Instrução**, pela qual a transição se torne mais fácil, e os fiéis com mais segurança sejam induzidos a perceberem os frutos mais abundantes pela participação viva às cerimônias sagradas.

Portanto a todos a quem interessar se impõe o conhecimento e a observância destas **Instruções**.

I — DA PREPARAÇÃO PASTORAL E RITUAL

1. Os Ordinários dos lugares providenciem logo a que os sacerdotes, principalmente os que exercem cura de almas, sejam bem instruídos para compreenderem convenientemente o novo Ordo da semana santa, de modo que tomem parte na celebração do mesmo com o espírito e a alma.;

2. Os principais pontos da instrução, pois, a serem transmitidos ao povo cristão, são estes:

a) Para o segundo domingo de Paixão, que se chama de Ramos

Convidem-se os fiéis a que mais numerosos intervenham à solene procissão de ramos, para render a Cristo Rei um público testemunho de amor e gratidão.

Além disso, sejam advertidos os fiéis para que a seu tempo, durante a semana santa, se aproximem do sacramento da penitência; o qual aviso urge particularmente nos lugares onde prevaleceu o costume de os fiéis se aproximarem em grandes grupos do sagrado tribunal, na tarde do sábado ou na manhã do domingo de ressurreição. Cuidem portanto os curas de almas que durante toda a semana santa, principalmente durante o tríduo sagrado, se ofereça aos fiéis oportunidade fácil de se aproximarem do sacramento da penitência.

b) Para a quinta-feira «in Cena Domini».

Sejam instruídos os fiéis sobre o amor com o qual o Cristo Senhor, «no dia antes de padecer», instituiu a santíssima Eucaristia, sacrifício e sacramento, memorial perpétuo de sua paixão, a ser celebrado perenemente pelas mãos dos sacerdotes.

Convidem-se também os fiéis para que, depois da missa «in Cena Domini», prestem a devida adoração ao augustíssimo Sacramento.

Finalmente onde, para demonstrar o mandamento do Senhor sobre o amor fraterno, se realizar na igreja o lava-pés, conforme as rubricas do novo Ordo, os fiéis sejam instruídos sobre o profundo significado deste, sagrado rito, e da oportunidade que eles mesmos, neste dia, multipliquem as obras de caridade cristã.

c) Para a sexta-feira da Paixão e Morte do Senhor

Sejam preparados os fiéis para a perfeita compreensão do singular ato litúrgico deste dia, no qual, depois das lições e das preces sagradas, canta-se solenemente a Paixão de Nosso Senhor; elevam-se ora-

ções para as necessidades de toda a Igreja e do gênero humano; depois, é adorado muito devotamente, pela família cristã, clero e povo, a santa Cruz, troféu de nossa redenção; e por fim, conforme as rubricas do novo Ordo e como foi costume por muitos séculos, todos que o desejarem e estiverem convenientemente preparados, podem também se aproximar da sagrada Comunhão, sobretudo com a intenção de que, recebendo devotamente o corpo do Senhor, neste dia entregue por nós, percebam da redenção os frutos mais abundantes.

d) Para o sábado santo e a vigília pascal

Antes de tudo é necessário que os fiéis sejam diligentemente instruídos sobre a particular natureza litúrgica do sábado santo. É de fato um dia de grandíssimo luto, em que a Igreja se detém junto à sepultura do Senhor, meditando sua paixão e morte; abstendo-se do sacrifício da missa, ficando o altar desnudo; até que, depois da solene vigília ou expectativa noturna da Ressurreição, se dê lugar às alegrias pascais, cuja abundância se expande nos dias seguintes.

O propósito e a finalidade desta vigília consiste em que, pelo ato litúrgico, se demonstre e comemore como da morte do Senhor brotou a vida e graça nossa. Portanto, sob o símbolo do círio pascal, se representa o próprio Senhor, «luz do mundo» (João, 8, 12), que, com sua luz, dissipou as trevas de nossos pecados; enuncia-se o precônio pascal, no qual se canta o esplendor da noite santa da ressurreição; são lembradas as grandezas de Deus realizadas na antiga aliança, pálidas imagens das maravilhas do Novo Testamento; benze-se a água batismal, na qual, «consepultados com Cristo na morte do pecado», ressuscitamos com o mesmo Cristo para que «caminheemos em novidade de vida» (Rom. 6, 4); depois renovando as promessas do batismo, prometemos testemunhar perante todos, na vida e nas obras, essa graça que Cristo nos mereceu e nos conferiu no mesmo batismo; e finalmente, implorada a intervenção da Igreja triunfante, termina-se a vigília sagrada com a Missa solene da Ressurreição.

3. Não menos necessária é a preparação do rito das sagradas cerimônias da semana santa.

Por isso deve ser preparado e disposto tudo quanto ocorre para uma piedosa e decorosa celebração litúrgica desta santíssima semana; além disso, os sagrados ministros e os outros auxiliares, sejam clérigos ou leigos, principalmente se forem meninos, devem ser logo instruídos sobre o que devem fazer.

II — ANOTAÇÕES SÔBRE ALGUMAS RUBRICAS DO ORDO DA SEMANA SANTA

a) Para tôda a semana santa

4. Onde houver número suficiente de sagrados ministros, as cerimônias da semana santa se façam com todo o esplendor dos ritos sagrados. Onde, porém, faltarem os ministros, se empregue o rito simples, observando as rubricas especiais, notadas em seu lugar.

5. No novo Ordo da semana santa, tôda vez que se disser: «como no Breviário Romano», tudo deve ser tomado do citado livro litúrgico, observando porém as normas estabelecidas pelo decreto geral da S. Congregação dos Ritos, «De rubricis ad simpliciores formas redigendis» de 23 de março de 1955.

6. Durante tôda a semana santa, isto é, do segundo domingo de Paixão ou de Ramos até a missa da vigília pascal inclusive na missa (na sexta-feira no solene ato litúrgico), se fôr celebrada solenemente, isto é, com os sagrados ministros, deve ser omitido pelo celebrante tudo o que o diácono, o subdiácono ou o leitor cantam ou lêem em virtude de seu ofício.

b) Para o segundo domingo de Paixão ou de Ramos

7. Na bênção e procissão solene usem-se ramos de palmeiras, de oliveiras ou de outras árvores. Estes ramos, conforme o costume dos vários lugares, ou são preparados e trazidos à igreja pelos próprios fiéis, ou, dada a bênção, são distribuídos aos fiéis.

c) Para a quinta-feira «in Cena Domini»

8. Para a solene reposição do Sacramento se prepare um lugar conveniente em alguma capela ou altar da igreja, conforme está prescrito no Missal romano, e, por quanto fôr possível, se adorne decorosamente com velas e lâmpadas.

9. Observados os decretos da Sagrada Congregação dos Ritos sôbre os abusos que devem ser evitados ou corrigidos na preparação deste lugar, recomenda-se plenamente a severidade que convém à liturgia destes dias.

10. Os párocos ou reitores de igrejas advirtam em tempo os fiéis sôbre a pública adoração à Santíssima Eucaristia, que deve começar desde que termina a missa «in Cena Domini», e estender-se ao menos até meia noite, isto é, quando à litúrgica comemoração da instituição da Santíssima Eucaristia, sucede a lembrança da Paixão e Morte do Senhor.

d) Para a vigília pascal

11. Nada impede que os sinais a serem gravados pelo celebrante no círio pascal, sejam preparados antes com côres ou de outra maneira.

12. Convém que as velas que o clero e o povo trazem, permaneçam acesas quando se canta o precônio pascal e quando se realiza a renovação das promessas do batismo.

13. Convém que o vaso de água que vai ser benta seja convenientemente enfeitado.

14. Se houver batizando, principalmente se forem muitos, é permitido realizar na mesma manhã, em tempo oportuno, as cerimônias do Ritual romano que precedem a própria administração do batismo, isto é, no batismo das crianças, até as palavras «Credis» (Ritual romano, tit. III, cap. II, n. 12), e no batismo de adultos até as palavras «Quid vocabaris» (Ritual romano, tit. III, cap. IV, n. 38).

15. Se acontecer que nesta solene vigília sejam conferidas também as sagradas Ordens, o pontífice, nesta noite, anteponha, à mesma bênção pontifical a última advertência (com a imposição das chamadas obrigações) que, conforme o Pontifical Romano, tem lugar depois da bênção do pontífice e antes do último evangelho.

16. Na vigília de Pentecostes, omitidas as lições ou profecias, a bênção da água batismal e as ladainhas, a missa, **também a** conventus solene ou cantada, começa-se como de costume, feita a confissão aos pés do altar, pelo intróito «Cum sanctificatus fueris», como está notado no missal romano no mesmo lugar para as missas rezadas.

III — DA MISSA, SAGRADA COMUNHÃO E JEJUM EUCARISTICO NO TRIDUO SAGRADO

17. Na quinta-feira «in Cena Domini» deve ser conservada a antiquíssima tradição da Igreja romana, pela qual, proibida a celebração das missas privadas, todos os sacerdotes e clérigos intervenham à missa «in Cena Domini» para se aproximarem da mesa sagrada.

Onde, porém, razão pastoral o requeira, o Ordinário do lugar poderá permitir uma ou outra missa rezada em tôdas as igrejas e oratórios públicos; nos oratórios semi-públicos somente uma missa rezada e isto, para que todos os fiéis, neste dia sagrado, possam assistir ao sacrifício da missa e receber o corpo de Cristo. Mas estas missas são permitidas nas

mesmas horas do dia marcadas para a missa solene «in Cena Domini» (Decreto, n. II, 7).

18. Na mesma quinta-feira «in Cena Domini» a sagrada Comunhão pode ser distribuída unicamente durante as missas vespertinas, imediatamente ou logo depois de terminadas; assim no sábado santo pode ser dada somente durante a missa solene, imediatamente ou logo depois; excetuado os enfermos e os que estão em perigo de morte.

19. Na sexta-feira da Paixão e Morte do Senhor a sagrada Comunhão pode ser distribuída unicamente durante o solene ato litúrgico vespertino, menos para os enfermos e os que estão em perigo de morte.

20. Os sacerdotes que celebram a missa solene da vigília pascal na hora própria, isto é, depois da meia noite entre o sábado santo e o domingo, no mesmo domingo, dia de Ressurreição, podem celebrar missa festiva e, se tiverem faculdade, duas ou três.

21. Os Ordinários dos lugares que, na quinta-feira «in Cena Domini», pela manhã, celebraram a missa do crisma, podem, à tarde, celebrar a missa solene «in Cena Domini»; no sábado santo se quiserem celebrar a solene vigília pascal, podem, mas não estão obrigados, celebrar a missa solene no mesmo dia do domingo de Ressurreição.

22. Quanto ao jejum eucarístico se observem as normas estabelecidas na Constituição Apostólica «Christus Dominus» de 6 de janeiro de 1953.

IV — DE ALGUMAS DIFICULDADES A SOLUCIONAR

23. Como, por causa da diversidade dos lugares e dos povos, existem muitos costumes populares, ligados à celebração da semana santa, os Ordinários dos lugares e os sacerdotes que têm cura de almas procurem que esses costumes que parecem favorecer piedade sólida, sejam combinados prudentemente com o novo Ordo da semana santa. Portanto se instrua os fiéis sobre o sumo valor da sagrada liturgia, que sempre, e principalmente nestes dias, pela sua natureza, supera grandemente todos os costumes e as outras espécies de devoção, embora ótimas.

24. Onde até agora vigorou o costume de benzer as casas no mesmo dia do sábado santo, os Ordinários dos lugares dêem oportunas disposições para que esta bênção seja dada em tempo mais conveniente, antes ou depois da festa da Páscoa, e pelos próprios párocos ou por outros

sacerdotes que exercem cura de almas delegados por êles, os quais, aproveitando desta ocasião, visitem paternalmente os fiéis que lhes foram confiados e se certifiquem de seu estado espiritual (can. 462, n. 6).

25. O toque dos sinos prescrito ao início do «Gloria in excelsis», para a quinta-feira na missa solene vespertina, e, para o sábado santo na missa da vigília, faça-se do modo seguinte:

a) Nos lugares onde há uma só igreja, os sinos toquem na hora em que começa o canto do dito hino;

b) Nos lugares, porém, onde há várias igrejas, seja que as sagradas cerimônias se realizem, em tôdas, ao mesmo tempo, seja em tempo diferente, os sinos de tôdas as igrejas do mesmo lugar devem ser tocados juntamente com os da igreja catedral, matriz ou principal. Na dúvida de qual igreja, no lugar, seja a matriz ou principal, recorra-se ao Ordinário do lugar.

Dia 16 de novembro de 1955.

L + S

C. Card. Cicognani
Prefeito da S. C. R.

A. Carinci, Arceb. Seleuc.
Secretário da S. C. R.

DISCIPLINA RELIGIOSA E VIDA INTERIOR

PERANTE AS NECESSIDADES DOS TEMPOS MODERNOS

Pe. Tobias Dequit, C. M.

I — Disciplina Religiosa

Primeiramente a «disciplina». Onde há vida religiosa com vida em comum, alguma disciplina deve haver; sem ela teríamos a desordem e a anarquia. Esta disciplina sempre existiu e continua existindo nas Congregações religiosas.

Há uma parte mais ou menos uniforme, e é a que constitue o direito comum dos religiosos, estabelecido pela Santa Sé e expresso no Direito Canônico.

Ao lado desta disciplina comum, que prescreve regras e práticas de piedade próprias a realizar a perfeição cristã, existe para toda Ordem ou Congregação um direito particular, que lhe é próprio e lhe pertence. Concerne mais as finalidades próprias de cada uma e prescreve os meios mais aptos para realizá-las.

Pois é sabido que Deus enviou à sua Igreja fundadores de Ordens e Congregações, conforme as necessidades mais urgentes dos tempos, inspirou-lhes atender a fins especiais de apostolado, sugerindo ao mesmo tempo os meios e regras mais aptos para naqueles tempos, realizar êstes fins.

O que importa antes de tudo são os fins a atingir; êstes permanecem, porque são os mesmos fins da Igreja: a perfeição cristã e o apostolado, sempre necessários em todos os tempos. Quanto aos meios poderá haver outros, pelo menos a priori, aptos e oportunos em um tempo e menos aptos em outros, e por isso mutáveis e substituíveis por meios novos mais eficazes.

Podemos admitir, portanto, a priori na disciplina religiosa, uma parte mutável com os tempos.

E' o que verificamos «a posteriori»; tanto para a parte da disciplina comum, que tem variado na Igreja através a história, como na parte da disciplina particular a cada Congregação, que também sofre variações e mudanças, pois em tôda Congregação religiosa há uma autoridade encarregada não só de manter a fidelidade às regras e à disciplina vigentes, mas também em Capítulos gerais ou Assembléias gerais interpretar as regras e introduzir modificações na mesma disciplina, quando a observancia de certos usos ou costumes ou mesmo princípios, em vez de servirem de meios aptos para os fins da comunidade se mudassem em obstáculos.

Assim como há em tôdas as casas Superiores que podem conceder licenças e exceções a certas regras ou costumes.

Mas, se há esta parte mutável na disciplina religiosa, devemos reconhecer que há regras essenciais e imutáveis, sem as quais desapareceria a própria vida religiosa, e não sòmente no Direito comum mas também no Direito particular, como veremos.

Reconhecido que há na disciplina religiosa tanto no Direito comum como no Direito particular partes essenciais e intangíveis e outras accessórias e mutáveis, aparecem as dificuldades quando se trata de discriminar quais os elementos da 1.^a classe e quais os da 2.^a.

Creio que podemos estabelecer como princípio que quanto à vida religiosa em geral e ao direito comum são elementos essenciais e intangíveis aquêles que constituem necessariamente a vida de perfeição cristã, isto é a prática dos conselhos evangélicos.

Parte mutável serão ou poderão ser certos exercícios e práticas de perfeição que aliás tem variado através dos tempos.

Do mesmo modo em relação a cada Ordem ou Congregação religiosa consideramos essencial e imutável a disciplina que estatue sôbre as finalidades do Instituto, e sôbre os meios gerais de realizar estas finalidades, sendo que finalidades próprias e meios gerais próprios de os realizar constituem para nós, o espirito próprio de cada Ordem ou Congregação. Ora, perdendo o seu espírito, uma Comunidade perde sua identidade e não existe mais, não sendo mais a mesma.

Tratando-se, portanto, de pronunciar sôbre elementos essenciais e sôbre elementos accessórios da disciplina religiosa de uma determinada Ordem ou Congregação, é necessário conhecer-se primeiro o espírito que

lhe é próprio, seu ideal, suas finalidades particulares dentro da Igreja e seus meios gerais próprios de os atingir; conhecer primeiramente a razão de ser de cada uma das suas regras, observâncias, usos e costumes.

E' preciso manter o espírito e para manter o espírito, pode haver necessidade algumas vezes de se manter a letra, porque letra há que incarna o espírito de modo insubstituível; há uma letra que exprime os fins essenciais do Instituto e os meios gerais para eles e há uma letra que é de aplicações e determina certas práticas que o tempo torna menos oportunas e aconselha substituir por outras mais eficientes.

A esta pergunta, quais seriam as adaptações da disciplina religiosa exigidas pelas necessidades dos tempos modernos, poderíamos assinalar talvez certas práticas que já pouco se observam, devido às numerosas exceções que provocam, práticas antigas talvez, consignadas em textos que subsistem mais pelo culto à tradição que pelo seu valor intrínseco, ou ainda que em vez de facilitarem o trabalho das obras de apostolado próprias à Congregação constituem um obstáculo.

Não há motivo para que certas Congregações que desempenham na Igreja um serviço de sua natureza perene, como sejam um ensino religioso, as missões, serviço social aos pobres, não há motivo para que não subsistam e continuem sua missão através as mudanças dos tempos, gozando de uma vida perene como a prometida à própria Igreja, mas isto só se poderá dar, se como a Igreja, souberem adaptar sua disciplina e sua vida aos tempos que passam e evoluem, renunciar a meios obsoletos, a métodos já ultrapassados para usar meios novos e métodos mais eficientes. Acrescentaremos que meios e métodos mesmo recentes podem caducar rapidamente nos tempos de hoje em que o mundo e a vida humana, mais se transformaram nos ultimos 50 anos do que nos 200 anos anteriores.

Por falta desta adaptação poderá acontecer que Congregações novas, mais avisadas venham substituir outras existentes mas com métodos novos mais eficientes para realizar a mesma missão.

Havendo na disciplina religiosa pontos acessórios a se mudar, a quem compete esta tarefa? Para a parte disciplinar de Direito comum, pertence evidentemente à Santa Sé e não às Congregações particulares que podem todavia transmitir-lhe os seus desiderata, contanto que estejam dispostas à obediência integral. Neste ponto verificamos que a Santa Sé não faz dificuldades em admitir e aprovar Congregações ou Institutos novos de vida religiosa que não se enquadram nos cânones do

direito até aqui em vigor. Basta lembrar a Constituição «Provida Mater Ecclesia» de 1947 que prescreve normas para os Institutos de vida religiosa seculares, além dos limites fixados pela «Conditae a Christo» de Leão XIII.

Quanto aos pontos acessórios da disciplina particular de cada Congregação, se em seu fôro interno pode cada membro opinar sobre a oportunidade da reforma de qualquer prescrição, não pertence senão à autoridade competente introduzir tais reformas ou supostas adaptações. E se algum religioso julgar excessiva a demora das autoridades em introduzir as mudanças que almeja, enquanto não forem elas efetuadas não lhe pertence desrespeitar ou violar a disciplina mantida.

Se o texto das Regras proíbe como luxo em nome da pobreza coisas que já não sejam mais luxo, como usar relógio ou caneta tinteiro, luz elétrica em vez de vela de cêra, ou se mantiverem certas práticas de penitência ou de humildade que êle julgar obsoletas, cometeria um grande erro o jovem religioso que, inimigo de todo constrangimento sem valor útil aparente a seus olhos, desprezasse estas prescrições e sem licença as violasse.

Como membro da Ordem comprometeu-se a observar a disciplina de sua Comunidade, a mortificar a sua natureza e assim zelar pela sua perfeição; ora, para todo religioso ser perfeito é ser fiel observador da disciplina e viver unido a Deus; a sua fidelidade às regras, principalmente àquelas que mortificam sua natureza orgulhosa não constituem nenhum obstáculo à sua união a Deus, mas antes é a expressão mais segura de sua caridade. Para um religioso a prática da regra, se bem que não passa de um meio para a perfeição, é meio indispensável. Antes de se querer reformar uma regra é preciso tê-la experimentado e observado primeiro. Santa Teresa de Avila que reformou o Carmelo não o fez senão depois de ter-se sujeitado, durante 20 anos, à regra mitigada da Encarnação. Sabendo obedecer primeiro é que o jovem religioso será mais qualificado, para, atento às necessidades dos tempos modernos, distinguir com acêrto as adaptações oportunas para a sobrevivência de sua Congregação e a prosperidade de suas obras.

Tratando-se de adaptação da disciplina religiosa às necessidades dos tempos não se deve confundir adaptação com mitigação. E' bem possível que algumas adaptações constituem mitigação, aquelas por exemplo que seriam exigidas pelo enfraquecimento da saúde e neste

particular temos um exemplo que vem da Santa Sé. Mitigou ela a disciplina do jejum e da abstinência na Igreja e ainda ultimamente a do jejum eucarístico. Neste último caso não foi com fins de mitigação todavia, mas, sim com o fim de levantar obstáculos à Comunhão frequente.

Não se trata de suprimir da disciplina religiosa práticas ou costumes que incomodam a natureza e apenas por este motivo. Não se trata de suprimir a penitência, a mortificação, o sacrifício, já que a vida religiosa terá que ser sempre vida de mortificação, de pobreza, de castidade, de obediência, vida de perfeição pela prática dos Conselhos evangélicos. Mitigação significaria diminuição destas virtudes, diminuição de amor e de fervor, relaxamento e desaparecimento do espírito sobrenatural.

Só podem se adaptar as Congregações fervorosas.

II — Vida interior

Quem diz vida religiosa diz vida interior: vida de união a Deus e de perfeição cristã. E, neste sentido, a vida religiosa é essencial à Igreja, pois é ela que manifesta ao mundo a nota mais convincente de sua divindade que é a da santidade, da aptidão da Igreja a santificar seus membros e a formar santos.

A primeira finalidade da vida religiosa é, e há de ser, a própria perfeição, e esta exige a vida interior. A esta vida interior opõe-se, às vezes, o que se chama a vida exterior. Todavia, hoje em dia, obras exteriores de apostolado costumam ocupar grande parte da vida dos religiosos, os quais têm como segunda finalidade dedicar-se também à santificação do próximo por meio de obras particulares de apostolado. Nunca porém, devem estas obras tomar a primazia ou tornar-se um obstáculo à vida interior do religioso, sua finalidade primeira e principal.

Se as obras exteriores constituíssem necessariamente um tal obstáculo, seria preciso renunciar a elas. Mas, tal não se dá. A vida interior intensa é que leva a praticar obras de apostolado também exteriores e que as inspira e as anima.

Tais obras exteriores de apostolado parecem se impôr, hoje mais do que pelo passado, e é fácil verificar que vai aumentando o número das Congregações religiosas a se dedicarem às obras externas. Congregações mais antigas, ordens mendicantes que outrora viviam de esmolas têm-se visto obrigadas a trabalhos exteriores e remuneradores, para se manterem e se sustentarem. E isto é também, até certo ponto, uma necessidade dos tempos atuais a de cada Comunidade exercer uma fun-

ção social determinada, outra que a da vida de oração e contemplação, se não quiser passar perante a sociedade como parasita social; e é mais um motivo para que, podendo-se aliar sem prejuizo as duas vidas: a vida interior e a vida exterior, unam-se as duas.

Mas, o motivo principal desta união e aliança das duas vidas: vida interior de oração e vida exterior de apostolado, é a urgência de se atender ao «messis multa» e de multiplicar os «operarii pauci» por demais insuficientes.

Tem se dito que Deus tem precisão dos nomens, e é verdade que precisa de operários para a messe; hoje bem parece assim, mais do que nunca.

Há, fora do mundo cristão, o mundo pagão, e nêle a «messis multa» de povos que desde a última guerra particularmente tomam conhecimento do mundo cristão, encontram atônitos várias religiões cristãs e permanecem na dúvida, sem discriminar a verdade, expostos a um cepticismo religioso definitivo: tanto acêrca do seu paganismo como de outra religião. A hora é assim decisiva para a grande maioria dos habitantes desta terra. E' o caso do Japão, da China, da India, da Africa... Todos êstes povos descobrem as religiões da Europa e da América... Para onde irão?...

A Igreja, os católicos detentores como são da verdade e da luz plena devem sentir a urgência de se ir a êstes povos hesitantes com a máxima presteza e levar-lhes as luzes e as forças espirituais e salvadoras do Evangelho e da Igreja.

E dentro dos países cristãos e católicos, a apostasia das massas, nome que se deu à irreligião do povo operário ou à sua indiferença religiosa, não é de fazer sangrar um coração convencido de sua fé e fazer compreender as tentativas mais audaciosas e até perigosas para reconquistar aquelas pobres almas?

As palavras de Jesus Cristo: «ite, docete»... tornam-se mais imperativas em tais circunstâncias. Aquí também entre nós para defender a fé do povo, católico por tradição, contra as heresias dos protestantes e dos espíritas e também contra o indiferentismo religioso e até contra o comunismo, não é demais que ao clero secular se una o clero regular nas obras exteriores de um apostolado cada vez mais urgente. Mas, isto, sem prejuizo da vida interior primeira, e sim com uma vida interior intensa.

E no entanto a vida exterior das obras pode constituir um perigo para a vida interior do religioso. Este perigo é de se apaixonar pelas obras ou por certas obras ao ponto de lhes sacrificar a sua vida religiosa interior, e entregando-se a estas obras com uma atividade toda natural, cair no que se tem chamado a heresia das obras.

Verdade é que o apóstolo deve não se deixar influenciar pelo meio em que entra, mas sim superar este meio e converte-lo às suas doutrinas, mas, e também verdade que todo homem, também o religioso, tem suas tendências também para o mal, que ao contacto do mundo, da incredulidade do mundo, da corrupção do mundo, podem despertar com mais vivacidade e comprometer gravemente sua vida interior.

Para resistir a estas influências más, de fora e de dentro, e que deve cuidar tanto mais de sua vida interior, e ser primeiro, antes que tudo, religioso, cuidadoso de sua própria virtude e perfeição. E isto é possível e isto é necessário não menos para se ter êxito nestas mesmas obras de apostolado. São todas elas de inaudade sobrenatural: obras para a conversão, para a salvação, para a santificação das almas; obras cujo êxito final depende da graça de Deus. Deus, principal agente de quem o apóstolo é apenas ministro e instrumento; ora, para fins sobrenaturais meios também sobrenaturais: isto é, oração, vida interior.

Sem esta condição primeira, todos os pretendidos êxitos não passarão de ilusão, própria a entreter o orgulho e a vaidade. Não se devem negligenciar os meios humanos para fins de apostolado, mas, é preciso dar sempre a primazia aos meios sobrenaturais.

E' notável como os santos que fôram homens de ação e de obras, aquêles que maior influência religiosa exerceram sobre seu tempo fôram aquêles que souberam melhor unir-lhes a vida interior e vida interior intensa. Causam-nos assombro, escreveu o Snr. Dom Chautard, as imensas obras levadas a cabo por êstes homens, às vezes de saúde precária: um Santo Agostinho, São Bernardo, Santo Tomaz de Aquino, S. Vicente de Paulo. E esse assombro sobe de ponto ao vermos êstes homens, a despeito de seus trabalhos, quase incessantes, manterem-se na mais constante união com Deus.

Dêste modo é que souberam combater ardorosamente o mundo, vivendo de vida interior, dirigindo-se em seus juízos pela doutrina evangélica de Cristo e tomando-a por guia em toda a sua atividade exterior.

Oração e sacrifício são meios sobrenaturais indispensáveis para todo apostolado verdadeiro, que necessita a união dos sacrifícios do apóstolo ao sacrifício da cruz, fonte de toda redenção e de toda graça.

Adaptar o apostolado às necessidades dos tempos modernos, não é, sem dúvida, desprezar os meios humanos, mas não é tão pouco exigir todo o conforto, todas as comodidades possíveis.

Três coisas podemos distinguir, disse um bispo francês, nas condições atuais do apostolado: as técnicas, os métodos e os meios sobrenaturais.

1.º — **As técnicas** — por exemplo, técnica para preparar uma missão e fazer a propaganda prévia: anúncios, cartazes, rádio, alto falantes, etc... Técnica de que usam outros para lançar um remédio, ou uma revista, ou um jornal... As técnicas modernas têm se mostrado muito aperfeiçoadas; o apóstolo poderá se aproveitar delas; pertencem a todos. São de sua natureza neutras e o apóstolo nada perde em conhecê-las e usá-las.

2.º — **Os métodos** — Métodos sugeridos ou comprovados pela experiência dos homens, os métodos são também coisa natural, humana; têm seu valor mas secundário e de ordem natural.

3.º — Há em terceiro lugar, acima das técnicas e dos métodos, que são do homem, o elemento essencial que é o elemento sobrenatural. O nosso apostolado precisa de oração e, perguntava o conferencista ao seu auditório de sacerdotes, quando não tivestes êxito em vossos trabalhos, havieis rezado? E apontava o exemplo de Cristo, antes de sua vida pública, passando 40 dias em oração e penitência e após um dia de evangelização retirando-se ao monte das Oliveiras, para passar a noite em oração «secundum consuetudinem».

Para a conversão das almas, dizia São Bernardo, concorrem 3 coisas da parte do apóstolo: a palavra, o exemplo e a oração; a mais importante é a oração.

Oração primeiro e depois o exemplo; no religioso o exemplo de sua própria vida cristã e evangélica; é necessário que a vida do sacerdote que prega, ainda mais a do religioso apóstolo, seja para os homens de nosso tempo um mistério e um mistério que não se explica senão pela fé deste apóstolo, e que assim provoque a reflexão sobre ele. Exemplo de uma vida de sacrifício, à imitação da vida de Cristo, que não foi só o mistério da Incarnação, do Verbo feito Homem, mas também o mistério da Redenção. Logo, vida exterior, sem vida interior, fracasso certo.

Sem a graça nada... «sine me nihil»... Vida interior acima de tudo, de todos os métodos e de todas as técnicas; ou antes, vida interior junto com os melhores métodos e as melhores técnicas, que valem para as nossas obras, conforme a vida interior de quem os emprega.

Métodos novos e técnicas novas suscitam esperanças que por si só não realizam. Não há técnica, nem método infalível para o apostolado. Quantos se têm experimentado, todos úteis, para a proteção dos jovens: patronatos e oratórios; para a formação cristã: círculos católicos, escotismo, esportes, etc... Recorre-se ao teatro, ao cinema, aos divertimentos sadios, mas, para verificar finalmente que não há método infalível de se recuperar as almas para a fé e a prática da religião católica. Não há, posto nas mãos dos homens, método infalível para se converter os povos; só a graça de Deus, concedida aos rogos do homem interior.

Dai a necessidade de o apóstolo e o religioso apóstolo, manter sua vida interior e mantê-la, alimentando-a. Se as obras exteriores de nossos dias obrigam, talvez, o religioso a mudar as horas de sua própria alimentação espiritual, absolutamente não pode dispensar-se de recorrer a ela e em primeiro lugar deve procurar nos exercícios de piedade normais do religioso, este alimento indispensável: a Santa Missa cotidiana, a recitação fiel do Breviário, salvo dispensa em certos casos especiais, os exames de consciência, os retiros e particularmente a oração mental.

Quanto mais exposto ao espírito do mundo de hoje, espírito de agitação, de trepidação constante, de impressionismo que não permite refletir nem pensar, mais necessita o homem de obras de oração mental, afim de nela retemperar suas convicções e fortalecer a sua vida interior de união a Deus. Será este o primeiro meio do religioso apóstolo manter e cultivar a sua vida interior: ser fiel aos exercícios desta vida interior. Não pensar que lhe é permitido deixar o Deus que encontra na oração pelo Deus que encontra nas almas, a não ser por exceção e raramente.

Hoje em dia, exigem certas obras que o religioso que delas se ocupa lhes sacrifique às vezes, certos exercícios de comunidade, que viva isolado, fora da vida comum e fora, portanto, durante muito tempo, da vigilância dos Superiores, privado de seus conselhos e de suas admoestações, e é isto mais um motivo para, sempre que puder, recordar com alegria às múltiplas vantagens da vida comum: *Cella continuata dulcescit*, diz o

autor da Imitação. O religioso que tem de se dedicar às obras deve ter pressa em voltar à sua cela, à sua vida comum, à sua vida interior.

A vida comum do religioso tanto concorre para a sua vida interior, que o clero secular, sobretudo nos últimos tempos, costuma se queixar de seu próprio isolamento e invejar as vantagens da vida comum, reclamando também para si a vida comunitária.

Enfim, um último meio para o religioso zeloso defender-se contra a fascinação das obras exteriores e conservar a sua vida interior é fazer das obras exteriores um alimento para sua vida sobrenatural. Mas, isto que é mais fácil quando se trata de pregação, de administração de sacramentos, de educação religiosa, ocupações que por sua natureza visam diretamente a santificação das almas, já se torna talvez mais difícil em relação a outras obras como são a direção de cinemas, de clubes esportivos e outras obras semelhantes, de sua natureza menos religiosas, mais profanas e mais distraentes e sobrenaturais somente em uma finalidade mais longinqua em sua intenção.

A um religioso dedicado às obras modernas, importa sumamente seja animado de vida interior e que esta vida seja alimentada pelos exercícios de piedade próprios da vida religiosa, fielmente praticados, pela vida de comunidade amada e procurada, enfim, pela pureza de intenção que o acompanha em todos os seus trabalhos de vida exterior.



A ENFERMAGEM RELIGIOSA

Ministério humano-divino

P. José de Oliveira Dias S.J.

Quem lê no Evangelho as palavras com que o Mestre divino nos fala da assistência aos enfermos, não pode deixar de ver o próprio Cristo, inequivocamente identificado com o padecente. «Estive doente, e vós visitastes-me» (1) O eco desta voz divina deve ressoar constantemente aos ouvidos do religioso, ou da religiosa que consagra o melhor da sua existência a aliviar os sofrimentos de qualquer membro místico de Cristo padecente.

Mas, por outro lado, se no mesmo Evangelho leio os exemplos do Cristo, se leio a parábola do bom samaritano, em que Ele termina por me dizer «et tu fac similiter», (2) vai e faze tu outro tanto», passo a vê-Lo já identificado com o enfermeiro.

Duplamente divino, pois, se nos afigura o ministério da assistência aos doentes: divino, porque O vemos feito enfermeiro; divino, porque o vemos enfermo e solicitando os nossos serviços e comiseração.

Mas é um ministério também que se tem procurado laicizar e profanar, degradando-se desse modo a caridade de Cristo até à mesquinha condição dum filantropismo sobrenaturalmente estéril, ao serviço até duma perversa propaganda espírita, simples máscara que por vêzes encobre planos de apostasia.

I — DEUS ENFERMEIRO DO HOMEM

Desde o dia em que o divino Samaritano, compadecido duma humanidade enferma que o pecado assaltara e despojara de tôdas as suas riquezas sobrenaturais e abandonara chagada e meio morta à beira da estrada, lhe saiu ao encontro para misturar com as lágrimas da dor humana as lágrimas da compaixão divina, para lhe pensar as feridas e cicatrizar as chagas com o precioso bálsamo da consolação, as enfermidades humanas passaram a ter num Deus feito homem o mais desvelado enfermeiro. Tão desvelado que, com Ele à cabeceira, nenhum doente perde a esperança de curar, tão solícito que, para reclamar os seus serviços, basta dizer-Lhe «Quem amas infirmatur». (3) está doente aquêle a quem amais.

(1) Matth. XXV, 36

(3) Joan. XI, 3.

(2) Luc. X, 37.

E tão poderosa é a sua terapêutica que basta o contacto das suas vestes para afugentar as moléstias mais renitentes.

Os próprios clientes do Divino Enfermeiro chegam por vêzes a compreender que para Ele os sarar, nem é necessário que se apresentem. Uma simples palavra que Ele pronuncie, um **quero** da sua vontade onipotente é bastante para mesmo à distância debelar qualquer doença. Sê limpo, diz um dia ao leproso que Lhe pede o limpe dessa repugnante moléstia. E, ao som dêsse imperativo, desaparece automaticamente a horripilante lepra.

Em face de tão carinhosa solicitude e de tão admirável terapêutica não admira que o adorável Enfermeiro se veja em qualquer parte rodeado de tôda a sorte de enfermos, que, como sombra inseparável, o acompanham ou a Ele acodem para recobram a saude corporal. E não vemos no Evangelho o caso dum só infeliz que a Ele tivesse recorrido e não tivesse recebido logo o remédio dos seus males. Tentou um dia, é certo, para se restringir ao programa da sua missão, fechar os ouvidos às súplicas lancinantes da pobre Cananea. Mas, diante da angustiosa insistência dessa mãe aflita, não teve coragem para persistir na negativa. E no mesmo instante, por um simples ato da Sua vontade, ficou sarada a filha da Cananea suplicante, apesar de ela não pertencer ao redil de Israel.

Nem sequer os inimigos eram excluídos dos benefícios da Sua profissão. Malco, um dos esbirros do pontífice que o viera prender no Horto, foi o último a experimentar a eficácia da assistencia generosa do Bom Samaritano.

O príncipe dos Apóstolos, querendo compendiar em duas palavras a ação do divino Enfermeiro na sua passagem por êste mundo de lágrimas, de sofrimentos e de doenças, limitou-se a dizer: «Pertransiit benefaciendo». (5) Realmente ficou tudo dito nessas duas palavras inspiradas. Foi uma vida tôda de beneficência para a humanidade padecente. Por onde Ele tivesse passado já não havia lágrimas que enxugar, nem doenças que curar, nem dores que suavizar.

«E Jesus, diz-nos o Evangelista, percorria tôda a Galiléia, ensinando nas suas sinagogas e pregando o Evangelho do seu reino, e curando tôdas as doenças e tôdas as enfermidades entre o povo. E espalhou-se a sua fama por tôda a Síria e sendo-lhe trazidos todos os que tinham al-

(5) Act. X, 38.

guma moléstia, os possuídos de vários achaques e dores, e os possessos e os lunáticos, curou-os a todos» (6).

«E, subindo a um monte, sentou-se aí. E concorreu a Êle uma grande multidão de povo, que trazia consigo mudos, cegos, coxos, estropiados e muitos outros; e lançaram-nos a seus pés, e Êle os curou; de sorte que as turbas se admiravam vendo andar os coxos e os cegos verem, e davam gloria ao Deus de Israel» (7).

Nunca o mundo havia presenciado maravilhas tão esplendorosas de beneficência divina. Nunca a humanidade sofredora ousara esperar libertação tão completa e radical dos seus males. Era o Enfermeiro divino que o céu enviava à terra, como se dela quisesse extirpar tôdas as penas que afligem o gênero humano.

Tanta era a multidão de enfermos assistidos e curados pelo divino Samaritano, que um dia, conta S. Marcos, teve Êle de subir para uma barca no mar de Galiléia; e só assim evitou que a multidão O oprimisse (8). S. Lucas dá mais relevo ao quadro, quando fala de «grande multidão de povo de tôda a Judéia e de Jerusalém, e da região marítima de Tiro e de Sidônia que tinham vindo para o ouvirem e para serem curados das suas doenças. E os que eram vexados pelos espíritos imundos ficaram sãos. E todo o povo procurava tocá-lo, porque saía dele uma virtude que os sarava a todos» (9).

Quem lê êsses e semelhantes passos do Evangelho tem a impressão de que a passagem do Divino Enfermeiro pela terra foi um verdadeiro jubileu concedido aos enfermos com remissão plenária de tôdas as penas corporais. O céu deixava-se comover pelos males da humanidade sofredora enviando-lhe aquêlê Pontífice ideal que... *possit compati infirmitatibus nostris* (10), o bom Samaritano que sabe sacrificar-se e sofrer, para que não sofram os seus irmãos enfermos. Dir-se-ia que alvorecera para o mundo padecente um messianismo libertador, como se nêle não houvesse maiores males que remediar. De fato o traço fisionómico mais característico que devia revelar ao mundo o Messias genuíno é o que O representava na profecia como enfermeiro compassivo da humanidade achacada e padecente.

«Virá o próprio Deus em pessoa para vos salvar, profetizara Isaias. E nesse dia abrir-se-ão os olhos dos cegos, os ouvidos dos surdos,

(6) Matth. IX, 23-24.

(8) Marc. III, 10.

(10) Hebr. IV, 15.

(7) Id. XV, 29-31.

(9) Luc. VI, 17-19.

saltará como veado o coxo, e desatar-se-á a lingua dos mudos; e dos que êle libertar fugirá a dor e o gemido» (11).

E, ao ser interrogado pelos emissários do Baptista, que desejavam saber se era Êle o autêntico Messias prometido, o Divino Samaritano não teve mais que apontar para a flagrante semelhança que apresentava a sua fisionomia com o retrato multi-secular esboçado pela profecia; «Ide dizer a João o que ouvistes e vistes: Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos saram, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam...» (12)

Não há dúvida que foi visto entre nós o próprio Deus feito enfermeiro do gênero humano. Virá o próprio Deus em pessoa sarar-vos, predisse Isaias ao especificar cada um dos efeitos da sua terapêutica salvadora.

Mas em corações bem formados o amor tem as suas exigências, e uma delas é sem dúvida a retribuição na mesma moeda. Quem se sente a tal extremo amado não pode ficar inativo. E assim se explica o afeto de almas generosas, a pena inconsolavel que sentem de não terem vivido no tempo do Salvador, de não terem estado no lugar de Marta para o servirem e hospedarem em sua casa, ou da samaritana para Lhe darem de beber, do Cireneu para repartirem entre ambos o peso da cruz, da Verónica para Lhe enxugarem o rosto ensanguentado, ou de José de Arimatéia para o amortalharem.

Desejos irrealizáveis acaso? Não. E assim como Êle, sacramentando-se, encontrou o segredo de perpetuar na terra a sua existência realíssima e de continuar a ser um dos habitantes dêste vale de lágrimas, assim também, substituindo-se por muitos membros da humanidade enferma, e fazendo-se representar por cada um dêles no seu leito de dores, realizou uma inefável transubstanciação moral, pela qual a Êle são realmente prestados todos os serviços que prestamos ao mais miserável dos mortais. E dessa maneira, depois de Deus se ter feito enfermeiro do homem, vemos invertidos os papéis do modo mais harmonioso, fazendo-se por sua vez.

II — O HOMEM ENFERMEIRO DE DEUS

Já não é Cristo enfermeiro, agora é Cristo enfermo que se nos apresenta a mendigar a nossa compaixão.

(11) Is. XXV, 4-6, 10.

(12) Matth. XI, 4-5.

1. — **O doente membro de Cristo** — «Estive doente e fui assistido por vós». Estas palavras pronunciadas no Evangelho como profecia, repetidas serão no fim do mundo como panegírico do enfermeiro, da enfermeira imbuidos do espírito de Cristo, e como título duma eterna recompensa: **possidete paratum vobis regnum**. (13)

Será então caso de perguntar: quando é que vimos a Cristo enfermo? E realmente o Evangelho nunca o apresenta num leito de dores, a braços com qualquer doença. Teve, sim, a sua fase dolorosa, mas tão breve ela foi, que não chegou a durar 24 horas. Não houve tempo para todos os justos assistirem ao Divino Agonizante do Horto, ao Divino Moribundo do Calvário.

Não, essa fase dolorosa não acabou ainda; essa agonia prolonga-se ainda em Cristo visível em seus irmãos, do mesmo modo que a vitalidade ou a anemia do tronco se prolonga até ao último gomo dos seus ramos. Por isso, **enquanto assistis à enfermidade do menor dos meus irmãos**, diz o Salvador, **é a mim que assistis**. De fato, não é verdade que entra a doença no seio duma família sempre que um membro dessa família cái doente? E, se um membro do nosso corpo, seja embora um minúsculo dedo, é acometido pela moléstia, não nos **queixamos** nós das **nossas** dôres, como se todo o homem sofresse? Pois bem; já sabemos que constituímos com Cristo um corpo único, de que Ele é a cabeça. Ele, sem nós, não é o Cristo plenário e total, mas simplesmente a cabeça. E, se a cabeça deixou de sofrer, não se segue que os outros membros se tornassem impassíveis e refratários à dor. E, assim como o alívio dado a um membro dorido é alívio dado a todo o corpo, assim também «o que fizerdes ao menor dos meus irmãos a mim o fazeis, **mihi fecistis** (14).

Por isso é a Cristo padecente que os nossos religiosos e religiosas enfermeiras prestam a sua assistência carinhosa, quando sacrificam o sono, renunciam ao descanso e conforto do dia ou da noite, para se acercarem da cabeceira dum pobre padecente, talvez desamparado dos seus, para lhe fazerem os curativos, lhe pensarem as feridas, lhe aliviarem as dores, para o consolarem com palavras de alento, para velarem a seu lado noites inteiras. **Mihi fecistis**. E' a Cristo chagado e ensanguentado que estancam o sangue duma virtude sempre redentora. E' a Cristo agonizante que a abençoada pléiade de enfermeiros e enfermeiras religiosas, novos anjos de conforto desvelados como o do Getsêmani, assis-

(13) Matth. XXV, 34.

(14) Matt. XXV, 40.

tem no leito da sua agonia, apontando para a bemaventurança a tantos que nessa hora o representam, segredando-lhe piedosas jaculatórias, injetando-lhe o bálsamo da resignação, alentando-o e consolando-o com a doçura da esperança. **Mihi fecistis.**

E' a Cristo padecente que prestam todos os serviços de solícita enfermagem. E êsse divino padecente é o mesmo que Marta serviu em Betânia, o mesmo a quem Maria Madalena lavou os pés com as lágrimas da sua contrição, o mesmo de quem as piedosas mulheres de Jerusaleém se compadeceram, a quem a Verónica enxugou a fronte ensanguentada e o Cireneu aliviou do peso da Cruz, o mesmo que o Anjo do Horto confortou na sua agonia.

E, ao dizer-nos que a Si é feito todo o bem e mal que ao mais desprezível dos seus irmãos fazemos, Jesus revela-nos um dogma em que no Cenáculo voltará a insistir, e de que S. Paulo será o arauto mais apaixonado. E' o dogma do corpo místico de Cristo. Êsse corpo é constituído antes de tudo — dí-lo Êle expressamente — pelos que padecem fome, sede, nudez, cativoiro e doenças, completando-se assim nesses membros doridos o que faltou à cabeça padecente.

Numa rua de Granada (Espanha) encontrou um dia S. João de Deus, abandonado e gravemente enfermo, um desconhecido. Toma-o aos ombros, como costumava, leva-o para o hospital, e, antes de o instalar na cama, lava-lhe carinhosamente os pés. Mas, ao beijar-lhes, repara que esses pés apresentavam feridas de longo cravo, que os tivesse atravessado. Busca logo as mãos do enfermo, e encontra nelas os mesmos estigmas. Assombrado com o que via, dirige olhar indagador para o rosto do doente... Era Êle... Nesse semblante transfigurado pelo sofrimento descobre João as feições de Jesus Cristo, que lhe diz: João, eu recebo como feito a mim mesmo tudo o que os pobres e os enfermos recebem de tuas mãos; as suas chagas são as minhas, a mim lavas os pés quando os lavas a êles. E com estas palavras desapareceu da sua vista o divino enfermo. Casos semelhantes se lêem nas vidas de S. Gregório Magno, de S. Camilo de Lellis, de Sta. Isabel de Hungria, de S. Martinho e de tantos outros

Sem dúvida, se êsses santos enfermeiros não estivessem lembrados do **Mihi fecistis** do Evangelho, se êles não vissem nos doentes que tratavam outros tantos membros autênticos do corpo de Cristo padecente, ao menos depois de tão inefáveis cristofanias, já não seriam capazes de

tratar um doente sem que lhes assomasse ao espírito esta suspeita: quem sabe se não estará aqui de novo disfarçado Jesus Cristo?

Mas eles não estavam esquecidos da lição do Evangelho: Estive doente e vós me visitastes, porque a mim foi feito tudo o que ao menor dos meus irmãos fizestes. Nem essas cristofanias tinham por fim lembrar-lhes verdade acaso esquecida, mas apenas confirmá-la e premiar-lhes o espírito de fé.

2. — **O doente sacramento de Cristo** — Mas as palavras, que nos asseguram serem feitos a Ele pessoalmente todos os serviços que prestamos aos enfermos, vêm revelar-nos ainda nos mesmos enfermos um como que sacramento visível de Jesus enfermo. Para que o Homem-Deus se tivesse a tal ponto identificado com os que sofrem, era necessário que em certo modo se tivesse nêles sacramentado por uma verdadeira transubstanciação mística. À luz da fé o doente deixa de ser o que os olhos vêem, para ser o próprio Cristo padecente.

O P. António Vieira dá largas à sua devoção, comprazendo-se em ver a Cristo sacramentado no doente e o doente transubstanciado em Cristo por virtude das palavras divinas: **Estive enfermo e vós me assististes...** Não é, evidentemente, de transubstanciação física que Ele fala, qual a que se realiza na Eucaristia, mas simplesmente duma transubstanciação mística.

«Como neste oculto e profundo arcano da misericórdia e bondade divina, Cristo por particular modo de assistência está no pobre e o pobre por particular modo de identidade se converte em Cristo; êste é o segundo sacramento do mesmo Senhor, com que eu dizia que a pobreza e misericórdia o tornou a sacramentar segunda vez. Excelentemente S. João Crisóstomo comparando as palavras da consagração com as da sentença do dia do Juízo, umas e outras pronunciadas pelo mesmo Cristo. **Qui dixit: hoc est corpus meum, hic dixit esurientem me cibastis.** Aquêle Senhor que disse: **Este é o meu corpo**, êsse mesmo disse, **tive fome e me destes de comer.** E assim como por virtude daquelas palavras nos ensina a fé que está Cristo realmente debaixo das espécies de pão; assim nos certifica (diz o mesmo Crisóstomo) que está também realmente debaixo das espécies do pobre. **Si speciem apparentem spectes, nudum induis, re autem vera Christum operis...** E, se alguém me perguntar, ou ao mesmo Santo, como formou Cristo de uma tão diferente matéria, qual é o pobre, outro segundo sacramento tão se-

melhante ao primeiro, responde por Crisóstomo, Crisólogo, ambos com palavra de ouro... Não disse Cristo: o pobre teve fome, e vós lhe destes de comer a êle, senão, eu tive fome, e me destes de comer a mim: e êste foi o modo de uma transfusão, diz Crisólogo, com que o mesmo Senhor se infundiu no pobre, ou refundiu o pobre em si: **Quomodo in se transfuderit pauperem, aut se in pauperem, fuderit.** Até os gentios reconheceram nos pobres e miseráveis algum gênero de consagração, por onde disse altamente Sêneca: **Res est sacra miser.** Na consagração propriíssima da Eucaristia, a substância de pão converte-se em substância de Cristo, e a esta conversão de substância chamam os teólogos transsubstanciação: na consagração, a seu modo, da pobreza, infunde-se a pessoa de Cristo no pobre, ou a do pobre em Cristo, e a si mesmo em um; e outro sacramento, e tanto merece a semelhante do segundo o nome do primeiro.» (15).

E, referindo-se depois aos doentes e feridos que enchiam as enfermarias do Hospital Real de Lisboa, diz ainda:

«Entrai agora nessas enfermarias com a fé e com a vista. O que vereis com a vista são muitos enfermos, jazendo cada um no seu leito, curados e assistidos com grande caridade; mas o que deveis crer com a fé, é que em todos e cada um dêles está Cristo. Êste foi o engano daquela alma que nos Cânticos de Salomão buscava ao mesmo Cristo e o não achou: **In lectulo meo...** **quaesivi illum et non inveni...** E vós buscais a Cristo no vosso leito? Por isso o o não achais; ide buscá-lo no leito dêsses pobres enfermos, e logo achareis. No leito da cruz estava Cristo cheio de chagas e de dores, e agonizando com a morte: e assim como à cabeceira daquele leito tinha um título que dizia: **Hic est Jesus;** assim se poderam escrever as mesmas letras em cada um dêsses leitos.

E' verdade que entre êles vereis alguns tão estropeados e despedaçados da guerra, que mais parecem partes de homens que homens: mas, assim como na hóstia partida e feita pedaços está Cristo inteiro: **non confractus, non divisus integer accipitur;** assim está o Senhor tão inteira e perfeitamente naqueles como nos demais...» (16).

De fato, se nos enfermos os nossos olhos não descortinam a Cristo,

(15) Vieira, Sermões, (Ed. Chardron) T. XIV, 67-68.

(16) Id. *ibid.*

se muitos até pode haver que por suas imperfeições e vícios nada se parecem com Ele, — dissemelhança essa que vem justificar o espanto dos que perguntam: **quando é que te vimos enfermo e te visitamos?** — essa circunstância confirma mais ainda a realidade dêste novo sacramento, que à semelhança do da Eucaristia, é também mistério de fé. Se Cristo não é visível no enfermo, essa mesma invisibilidade é uma exigência do sacramento, em que com os olhos vemos uma coisa e com a fé cremos outra.

Em todos os doentes temos, pois, de reconhecer a Cristo realmente presente, mesmo naqueles que nossos olhos acham menos parecidos com Ele. Em todos e cada um indiferentemente. Nova exigência, que, como diz Vieira, vem ainda completar a semelhança. Assim como Cristo, sendo um só, não está numa única hóstia consagrada, mas em tôdas e qualquer delas, assim, de modo análogo, não está só num doente, mas em todos e cada um dêles, sendo êles muitos e Cristo neles um só e sempre o mesmo.

Admirável estratagema e dignação de um Deus sacramentado na Eucaristia, que assim nos proporciona o meio de Lhe fazermos a Ele o que Ele nos fez a nós. A dívida por nós contraída na Eucaristia ficaria eternamente em aberto, se um novo sacramento (chamemos-lhe assim) nos não viesse pôr a nós na condição de credores para com Ele, e facilitar-nos o pagameto na mesma moeda... Sacramentou-se sob as espécies de pão para nos aliviar e nos confortar a nós: «Vinde a mim todos...» (17) Para que nós o aliviássemos e confortássemos a Ele, sacramentou-se em certo modo no enfermo, ficando à espera da nossa assistência no seu leito de dores. Sacramentou-se na Eucaristia para vir visitar-nos a nós no leito da enfermidade, ou como viático no leito da morte. Sacramentou-se no doente, para que nós o pudéssemos visitar a Ele num leito de dores. «Estive doente, e vós me visitastes».

Estas reflexões são oportunas para criarem em quantos exercem a enfermagem religiosa êsse espírito de fé, que, fazendo-os enfermeiros, enfermeiras de Cristo, os farão enfermeiros e enfermeiras como Cristo.

De fato, desde que o bom Samaritano fez falar o seu exemplo, para dizer a cada um, **vai e faze tu outro tanto**, o enfermeiro ou enfermeira da escola do Evangelho tem de ser uma nova incarnação de Cristo, uma vez que Cristo se adiantou a fazer-se enfermeiro da humanidade. Mas só o será, só será para os doentes um novo Cristo, se primeiro fôr en-

(17) Matth XI, 28.

fermeiro, enfermeira de Cristo, isto é, se a sua fé souber descobrir nos doentes a fisionomia de Cristo padecente.

Daí a profunda diferença entre enfermeiros animados por êste espirito de fé e os que são movidos apenas pelo interesse, por um puro humanitarismo, ou, quando muito, pelo simples sentimento que inspira o dever profissional. Se o espírito de fé não lhes inspira o sentimento de caridade, de abnegação, de sacrifício, indispensável para tratar os enfermos como Cristo merece ser tratado, em vão procurará improvisar essa delicadeza quem é movido apenas por puro humanitarismo. O Anjo da caridade só pode ser substituído pelo espírito de simples filantropia na medida em que a mãe pode ser substituída pela madrasta.

Caridade que não venha de Deus será sempre uma caridade bastarda, uma caridade que não enche o coração dos padecentes, nem cicatriza as suas feridas. E' a caridade que no enfermo vê apenas o homem, e não mais que o homem. Respeitará os foros da natureza humana, mas não lhe reconhecerá as prerrogativas duma sobrenatureza, a que a predileção divina o guindou. E, contudo, esse enfermo tem direito de ser tratado, não só como homem, mas até como Deus, que, se o não é por natureza, é-o por jurídica representação, revestido como está de regalias divinas que Jesus Cristo lhe cedeu.

Qual é pois o enfermeiro, a enfermeira, que está habilitada a desempenhar o seu ministério com tôdas as exigências naturais e sobrenaturais, a que o enfermo tem direito? Só quem fôr verdadeiramente movido pelo espírito de fé, e que, revestido das virtudes de Cristo enfermeiro, os doentes reconheçam como autêntico **vice-Cristo**, através de cujas palavras, gestos e atitudes transluz a afeição de Cristo aos enfermos. Quando os doentes, ao receberem o curativo das suas enfermeiras experimentarem, por exemplo, o que experimentou o cego de nascença, no momento em que sentiu o contacto das mãos de Jesus, eles abrinão também os olhos para reconhecerem que **nisi esset hic a Deo, non poterat facere quidquam** (18). Se êste, ou esta enfermeira não fosse movida pelo espírito de Deus, não me trataria como trata.

E quantas vêzes, ao sentir o contacto benfazejo de qualquer dêstes mensageiros dum Deus compassivo, não se ouve o pobre padecente bendizer a Deus, que assim envia tantos anjos da Sua caridade divina arrancar aos que sofrem os espinhos da dor? A miséria humana, que há

(18) Joan, IX, 33

19 séculos se acostumou a ser tratada por um enfermeiro divino, reconhece muito bem êsse Enfermeiro nos que continuam a tratá-la como Ele a tratou; mas estranha e esquivava-se instintivamente ao contacto de outras mãos, a que não está afeita, porque não sente nelas a função da caridade de Deus. Tal é a

Fisionomia da enfermagem religiosa — Por isso o ministério de Cristo enfermeiro só pode ser perpetuado sem degeneração na medida em que Ele transparecer no enfermeiro ou na enfermeira religiosa. É um ministério que tem de se manter na altura a que o Enfermeiro divino o elevou. E' pois:

a) **Ministério sublime** êsse, ao qual um Deus feito homem consagrou o melhor da sua atividade e que tanto tem seduzido a mais bela floração da raça humana. Foi o exemplo de um Deus feito enfermeiro dos homens, que recrutou até mesmo nas côrtes imperiais e nos degraus dos tronos plêiades gloriosas de seguidores do divino Saaritano. — Só o seu exemplo podia levar reis e principes como S. Luis, rainhas e princesas, como Sta. Isabel, Radegundes, Margarida de Escóssia, a lavar os pés aos pobres enfermo, a beijar-lhes carinhosamente as chagas mais repugnantes e a tratá-los nas suas doenças.

b) **Ministério heróico** — também, e duma heroicidade superior, por vêzes, à do soldado que morre pela pátria, porque é uma vida inteira consagrada a um ideal de caridade e ao mesmo tempo sacrificada a misteres que não raro revoltam a natureza e que exigem contínuos atos de abnegação e o vencimento de mil repugnâncias, terminando, como em Luis Gonzaga, pelo contágio em que se imola a própria vida. E a maior prova de amor — é Jesus quem o diz — está precisamente em sacrificar a vida por um amigo (19).

c) **Ministério meritório** ainda, que santifica os que o exercitam. Com êle se praticam as mais acrisoladas virtudes. A paciência, sobretudo, pode adquirir um grau heróico. O enfermo tem de sofrer, sim, a doença. Mas o enfermeiro, a enfermeira há de aturar o doente e as doenças que o afligem. E quantas vêzes êsse enfermo revoltado, desagradecido, insuportável, indignado contra a doença e contra si mesmo, chegaria para pôr à prova os nervos do próprio Job? A paciência, a longanimidade do enfermeiro ou da enfermeira religiosa serão a única terapêutica a aplicar às impaciências do doente.

(19) Id. XV, 13.

Por isso se antecipou Jesus Cristo a promulgar a bula de canonização dos seus enfermeiros e enfermeiras, chamando-lhes **benditos** de Seu Pai, dignos de ocuparem um trono no reino de Deus (20). Por isso se antecipou desde a eternidade a preparar-lhes a recompensa. E certamente a primeira recompensa, já nesta vida, será uma morte semelhante à que tiverem preparado aos seus doentes, porque «alcançarão misericórdia os que tiverem sido misericordiosos» (21)

Se o Anjo do Getsêmani, que confortou a Cristo na sua agonia, houvesse de morrer, teria a morte mais consolada. Esta será a sorte dos anjos consoladores de Jesus que agoniza em seus membros, uma vez que eles os animam e alentam a tragar o cálix da morte. Se para alguém a morte há de ter as suas delícias, será para quem fez a morte deliciosa aos outros, será para os anjos consoladores dos moribundos.

d) **Ministério próprio de Santos** e tanto mais copiosamente remunerado na outra vida quanto mais desinteressadamente exercido nesta. Foi o mais comumente exercido pelos Santos. Dificilmente se encontra entre os servos de Deus já glorificados quem se não tivesse distinguido pelo amor aos enfermos, e pela caridade em lhes assistir. E' que de fato é nesse ministério que melhor se reflete a feição misericordiosa do Salvador.

e) **Ministério próprio de apóstolos.** O apóstolo da caridade trabalha com os olhos na eternidade. Começa pelo corpo e acaba pela alma. Alivia sofrimentos temporais para preservar dos eternos. Enfermagem que não tenha este fim em vista não é a que Cristo instituiu. «Agora que estás curado, disse Ele ao paralítico da piscina, não peques mais, para que te não aconteça coisa pior» (22).

O enfermeiro, a enfermeira, que quer perpetuar o ministério de Jesus, não deve olhar menos à saúde da alma que à do corpo. Por isso a assistência aos doentes é obra de incalculável alcance em nossos dias.

Em primeiro lugar enfermeiros verdadeiramente zelosos farão compreender ao doente o manancial prodigioso de méritos que o seu sofrer lhe pode proporcionar, em ordem à expiação temporal das suas culpas e das de seus irmãos.

Que riquíssimos tesouros de sobrenatural alcance se não desperdiçam durante a doença, porque se lhes desconhece o valor! E como

(20) Matth. XXV, 34.

(22) Joan V, 14.

(21) Id. V, 7.

seria outra a fisionomia moral do mundo, se êles fossem bem aproveitados com intuitos expiatórios! Como se salvaria o mundo pelo sofrimento! A quantos não tem a enfermidade acrisolado a virtude e afevorado! Quantos não tem ela feito mais compassivos para com a dor alheia! E quantos não terá providencialmente reconduzido a Deus! Que o diga um Inácio de Loiola, tão sòlidamente convertido durante a sua enfermidade! Por isso deixou êle recomendado a seus filhos que recebessem as doenças como dons de Deus, pois não o são menos do que a saude.

Mas é de enfermeiros e enfermeiras religiosas que em grande parte depende não se frustrem os altíssimos desígnios de misericórdia que Deus tem sobre o padecente, e talvez sobre o mundo, ao prostrá-lo num leito de dores.

Acontecerá às vezes ver-se a religiosa à cabeceira do doente, afastado de Deus com quem não pensa reconciliar-se, ou a quem talvez odeia. O sacerdote, incarnação viva duma Religião que êle se acostumou a detestar, não pode abeirar-se-lhe do leito. Jesus Cristo não tem entrada num quarto em que domina Satanás como tirano absoluto. Para ali penetrar necessita de introdutora, de precursora que lhe abra o caminho. E essa precursora terá de ser a enfermeira zelosa, que com a delicadeza maternal do seu carinho lhe deve ter previamente ganho o coração. Não será à primeira talvez, que corações pervertidos não são ordinàriamente fáceis de abrandar, mesmo ao contacto duma caridade desinteressada e desvelada. Terão de intervir prudentemente bons conselhos, sugestões e indústrias, que o zêlo soi inspirar, e sobretudo muita oração. Mas uma resistência obstinada até ao fim, será rara.

Suposta, por outro lado, a intervenção da graça, é difícil que um homem por muito perverso que seja, acabe a vida com uma recusa impenitente ao único pedido talvez, feito pelo anjo da caridade, que nada lhe negou, que a tudo se sacrificou por ele.

Na hora derradeira da vida verá ele talvez nessa enfermeira sacrificada a imagem de sua mãe que já não vive, e cujos carinhos a assistência desvelada duma segunda mãe lhe fez reviver. Será a primeira entrevisão de Deus, de quem estava esquecido. Pronto se removerão os obstáculos, se desfarão os preconceitos, e ficará o caminho aberto ao sacerdote, aos sacramentos, à reconciliação com Deus.

E' pois, a enfermeira religiosa, o apóstolo mais indicado para aju-

dar o enfermo a converter-se a Deus, para ajudar Deus a converter o enfermo.

o O o

Jesus Cristo fez-se doente das nossas doenças, na expressão profética de Isaías, para que em nossos irmãos tratássemos nós as Suas. Inefável permuta de sofrimento em virtude da qual os sofrimentos de nossos irmãos doem a Cristo, e de Cristo são as dores de nossos irmãos. Inefável permuta de consolações, em virtude da qual o alívio dado a nossos irmãos é sentido por Jesus, e de Jesus é a consolação e alívio que experimentam nossos irmãos, aos quais se não pode tocar, sem tocar no próprio Cristo. Efeitos duma sensibilidade comum, que deve também ser partilhada pelos enfermeiros religiosos, em cujos membros devem repercutir-se as dores dos enfermos.

Cristo não acabou ainda a sua vida dolorosa. Completem os doentes em seus membros o que falta à paixão de todo o corpo.

Cristo não acabou ainda o seu ministério de bom Samaritano. Completem os enfermeiros e enfermeiras religiosas, divinizando o exercício da sua profissão, o que falta à enfermagem de Cristo plenário e total.

Cristo não acabou ainda de expiar e de salvar pelo sofrimento e pela misericórdia. Completem os enfermos por um lado, e os enfermeiros pelo outro, o que falta à plena realização do Seu programa salvador.

E' impossível ser pertença e parte integrante de Cristo enfermo e enfermeiro, sem ser solidário com o seu sofrimento expiatório, e com a sua missão consoladora e redentora.

Se os membros dum mesmo corpo pertencem uns aos outros, devem, sob a direcção da cabeça, concorrer todos com a sua quota-parte para o bem de cada um, e cada um para o bem de todos.

O ministério dos doentes continuará a ser um ministério divino, se se mantiver à altura a que o bom Samaritano o sublimou, se os enfermeiros religiosos não souberem tomar o pulso aos doentes, sem nele sentirem palpitar as artérias de Cristo, se não souberem pensar-lhes as feridas sem nelas surpreenderem as chagas de Cristo, se não ouvirem os ais das suas dores, sem neles reconhecerem os gemidos de Cristo padecente.

Vejam os doentes nos seus enfermeiros outras tantas reedições da fisionomia de Jesus. A isso os ajudarão os mesmos enfermeiros e enfermeiras, revestindo-se do genuino espírito do bom Samaritano.

O INSTITUTO DAS MISSIONÁRIAS DE JESUS CRUCIFICADO

«Sitio» — «Tenho sede!» (Jo. 19,).

Por uma Missionária de Jesus Crucificado.

A fundação de uma Congregação Religiosa é sempre a concretização de um ideal profundo, acalentado durante largo tempo por aquêles que o céu escolheu para realizarem uma obra que correspondia também a um anseio do Coração Divino de Jesus.

Foi assim que surgiu, há vinte e sete anos, o Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, como a realização do incontido sonho de um apostólico Antístite, sonho êste que consistia em um desejo imenso de saciar a sede de almas que Jesus Cristo manifestou no alto da Cruz, ao lançar aos séculos aquêlê doloroso brado: «Sitio!» — «Tenho sede!»

1 — ORIGEM DA CONGREGAÇÃO

Desde 1922 florescia na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, a «Associação das Missionárias de Jesus Crucificado», composta de jovens e senhoras, e que tinha como fim primário propagar a devoção a Jesus Crucificado e a Nossa Senhora das Dores. Estava ela sob a direção de um zeloso sacerdote Salesiano, o Revmo. Sr. Pe. Domingos Giovanini, e tinha como presidente uma piedosa jovem campineira, a Srta. Maria Villac, que desde os primórdios da Associação se consagrou inteiramente ao cultivo da própria vida interior e à formação espiritual de suas companheiras, dando-lhes a maior parte de seu tempo.

As associadas faziam diàriamente a Via Sacra em comum nas várias Igrejas da cidade e neste exercício eram acompanhadas por grande número de pessoas. Esta prática tão salutar, feita com marcada piedade, tornou-se dentro em breve uma fonte de renovação espiritual e de grande fervor para aquêlê grupo, que dia a dia se tornava mais numeroso.

Deus assim estava silenciosamente preparando, pelo incremento de uma intensa vida espiritual, os alicerces sôbre os quais se ia fundar uma

CARTA A UMA SUPERIORA

Revma. Madre

IX

A estas horas V. Rma. já deve ter um pouco de experiência de governo. Já terá percebido quais são as principais dificuldades, os principais problemas, as cruzes e também as alegrias do cargo... Não acredite na sua experiência! E' muito pouco tempo para se dizer que já tem experiência. Nem tôda a vida é suficiente para se adquirir experiência do coração humano.

Diante disso que fazer? Ler, estudar, consultar, observar, orar.

Procure ir formando uma pequena biblioteca sôbre a vida religiosa. Ninguém nasce sabendo. Se para tudo, é necessário estudar, porque não se deve estudar para ser uma boa superiora? O que aconteceu com V. Rma., acontece com a maior parte das superiores. Da noite para a manhã foram formadas superiores. Não há dúvida que Deus dá uma graça tôda especial, que podemos muito bem chamar graça de estado, mas Deus dá na medida da nossa disposição natural e sobrenatural. E' comum dizer-se que a obediência faz milagres. Não há dúvida, mas Deus faz milagres quando é necessário. Deus socorre com auxílios extraordinários quando a alma usou todos os meios ordinários ao seu alcance.

Procure, portanto, ler os livros mais indicados para as superiores. Mas, se me perguntasse por onde deve começar essa leitura e êsse estudo, eu diria que começasse por um estudo intensivo das Regras e Constituições, Diretório, Costumeiro, História da Congregação, Vida da Santa Fundadora e outros livros próprios da Congregação. Sem conhecer a fundo as próprias leis e o espírito da Congregação como poderia ter essa solicitude de Mãe para com os súbditos, se o primeiro que elas têm direito de esperar é que a Superiora seja o modelo e as oriente, forme e guie segundo o espírito da própria Congregação?

Procure, então, em primeiro lugar, conhecer bem o espírito da Congregação. Trata-se de um patrimônio precioso, sagrado até, que as Superiores têm obrigação de guardar, transmitir íntegro às gerações futuras.

Esta deve ser a primeira experiência de uma nova superiora : conhecer melhor a Congregação e o seu espírito. Só assim poderá governar conforme o espírito da Congregação, êsse espírito que não muda nunca, apesar das maiores transformações por que possa passar o mundo.

Servo em Cristo.

Pe. Geraldo Fernandes C. M. F.

nova Congregação Religiosa e, em sua adorável Providência, que tudo rege sapientemente, atraiu para a piedosa Associação os olhares complacentes do inclito bispo de Campinas, o Exmo. e Revmo. Sr. Dom Francisco de Campos Barreto. Sua Excia. em 1925 imprimiu neste prosodalicio o cunho apostólico que transbordava de sua grande alma, confiando a seus membros a organização de Centros de Catecismo nos bairros mais arastados da cidade e a visita domiciliar sobretudo ao pobres, aos operários e aos enfermos.

Em 1926 foi transferido para São Paulo o Revmo. Sr. Pe. Domingos Giovannini e Dom Barreto, com grande satisfação e devotado zêlo, assumiu pessoalmente a direção desta Associação. Interessando-se vivamente por ela, preocupava-se S. Excia. com a maneira de assegurar seu futuro desenvolvimento e assim começou a acalentar um agigantado ideal, que desde 1924 lhe nascera no coração apostólico, e que seria o meio por excelencia de dar estabilidade e desenvolvimento à Associação, isto é, transformá-la em uma Congregação Religiosa.

Compreendendo as necessidades prementes da época que atravessamos, planejou S. Excia. uma Congregação que, como êle mesmo graciosamente dizia, tivesse «um pé em casa e um pé na rua», isto é, que usando no convento o hábito religioso e se dedicando intensamente à oração, ao transpor os umbrais do claustro se trajasse a secular e se devotasse a tôdas as modalidades do apostolado externo.

Consultou a presidente da Associação que, após madura reflexão e fervorosas preces, consentiu alegremente em ser a coluna-mestra de uma obra que vinha não só plenamente satisfazer as suas fervorosas aspirações de vida perfeita, como também a seus ideais apostólicos.

2 — O FUNDADOR E A CO-FUNDADORA

No berço de tôdas as famílias religiosas geralmente encontramos o perfil de dois santos, que, coligados pelo mesmo ideal, trabalham pela realização da magna e ingente obra que Deus lhes confiou. Se o Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado ainda não tem esta grande ventura de ver levados à honra dos altares aquêles a quem depois de Deus deve a existência, pois seu preclaro Fundador deixou êste mundo há apenas catorze anos e sua veneranda Co-fundadora ainda a Congregação tem o inefável júbilo de vê-la à testa de seu govêrno, pode ele entretanto dizer que Deus reservou para a providencial missão de edificarem uma Congregação adaptada às exigencias do século XX dois vasos de eleição.

Nasceram ambos de famílias de sólida piedade e de tradições religiosas profundas e desde os albores de sua existência se consagraram sem reservas ao serviço de Nosso Senhor, numa mesma comunhão de ideal: santificar-se intensamente e saciar a sede ardente de almas que abraza o Coração Sagrado de Jesus, dedicando-se ativamente ao apostolado sob tôdas as suas formas.

Dom Francisco de Campos Barreto, o Fundador da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, nasceu em Campinas a 28 de março de 1877 e era filho de Joaquim Barreto e de D. Gertrudes Barreto. A 29 de agosto de 1890 ingressou no Seminário de São Paulo, sendo ordenado sacerdote a 22 de dezembro de 1900. Foi nomeado bispo de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, a 12 de maio de 1911 e transferido para a Diocese de Campinas a 13 de julho de 1920.

Em 1928 foi agraciado com os títulos de Assistente ao Sólido Pontifício, Prelado Doméstico de Sua Santidade e Conde Romano.

Faleceu no Palácio Episcopal de Campinas a 22 de agosto de 1941, na oitava da Assunção de Nossa Senhora e no dia que, alguns anos mais tarde, o Santo Padre Pio XII escolheria para a festa litúrgica do Imaculado Coração de Maria, cujas glórias foram tão bem cantadas por Dom Barreto, mui justamente cognominado «Bispo de Maria», e cujo amor êle soube tão bem legar às suas Filhas Missionárias.

Denodado batalhador da causa de Deus, defensor intrépido dos direitos da Santa Igreja, homem de oração e de inquebrantável espírito de fé, foi S. Excia., um empreendedor dinâmico e incansável. A seu fecundo labor devem as Dioceses de Caminas e Pelotas a realização de inúmeras obras que immortalizaram seu nome e dele fizeram uma das mais lídimas glórias do episcopado brasileiro.

Madre Maria do Calvário, a Co-fundadora da Congregação nasceu também em Campinas a 26 de fevereiro de 1894, sendo filha de Joaquim Villac e de D. Lucia Isnard Villac. Se a Dom Barreto a Congregação deve o espírito ardente e apostólico que anima todos os seus membros, de Madre Maria do Calvário herdou o espírito de oração e de zelo pelo próprio aperfeiçoamento, que sempre foi o distintivo de sua primeira Madre Geral.

Quantos conheceram Maria Villac — este é, como já vimos, seu nome de família — em sua infância e em sua juventude, são unânimes em afirmar que a grande preocupação de sua vida foi sempre o «estote perfecti sicut et Pater vester coelestis perfectus est».

Escolhida para a sublime missão de Mãe de uma grande família religiosa, soube cumprir sua tarefa com a prudência, a generosidade e a dedicação que são o apanágio das almas que inteiramente pertencem a Deus.

Há 27 anos Madre Maria do Calvário, com sua orientação segura, com sua firmeza maternal e persuasiva e com o exemplo de suas virtudes, que desconhecem o temor do sacrifício, vem sendo o leme que conduz suas Filhas no roteiro luminoso que Jesus Crucificado e a Virgem SSma. das Dores lhes traçaram.

3 — FUNDAÇÃO

Escolhidos os instrumentos para a realização de sua Obra, quis Deus que ela sem demora fôsse efetuada.

A 25 de dezembro de 1927, enquanto o orbe todo entoava jubiloso o «Puer Natus», outro Natal se anunciava na Capela do Palácio Episcopal da Imaculada Conceição, de Campinas. Era Dom Barreto que, pela vez primeira, reunia Maria Villac e suas primeiras companheiras, para lhes dar uma benção coletiva escrevendo neste dia a Roma pedindo licença para fundar o seu Instituto.

A 26 de março de 1928 chegou o beneplácito da Sagrada Congregação dos Religiosos e a 20 de abril do mesmo ano Dom Barreto inaugurou em Campinas, no solar da família Villac, por ela cedido para êste fim, a primeira Casa da novel Congregação, abrindo neste dia o primeiro sacrário, qual fonte de que emanariam graças promissoras para tôda a geração Missionária.

A 3 de maio, dia da Invenção da Santa Cruz, lavrou S. Excia., o Decreto de Ereção Canônica da Congregação, querendo com isto firmar a missão de suas Filhas como continuadoras da obra de Redenção do Calvário.

Dom Francisco de Campos Barreto não chegou a ver neste mundo o coroamento de sua Obra, pois quando o Instituto recebeu, a 10 de março de 1952, o «Decretum Laudis», que o elevava à categoria de Congregação Religiosa de direito pontifício, S. Excia. já havia passado ao céu, de onde aos pés da Trindade Santa e de Maria SSma., a quem tanto amou em vida, certamente se uniu ao «Te Deum» que se elevou do coração das Missionárias pelo dom que o céu lhe concedera, de estarem doravante ainda mais estreitamente unidas à Cátedra de São Pedro.

Ele, que já previra suas filhas espalhadas até pelo estrangeiro, aqui da terra também não as viu divididas em quatro Províncias, pois isto se fez a 8 de dezembro de 1954, com a criação das Províncias da Imaculada Conceição de Campinas, de Jesus Crucificado do Rio de Janeiro, de São José de Fortaleza e do Coração Eucarístico de Pôrto Alegre, devendo ter cada uma seu Noviciado próprio, a fim de mais facilmente atender à formação das Noviças que vêm de todo o País.

De seu trono de glória, Dom Barreto pode hoje contemplar feliz o grãozinho de mostarda que há 27 anos plantou no solo fértil da Santa Igreja e jubiloso reconhecer que Deus o fecundou com o orvalho de suas graças, tornando-o uma frondosa árvore, de cuja seiva se vêm alimentar as virgens que se querem consagrar sem reservas ao serviço de Deus, e sob cuja benéfica sombra vêm abrigar-se as almas que o apostolado de suas Missionárias atrai para o aconchêgo do Divino Mestre.

4 — FINALIDADES

O fim que tinha em vista Dom Francisco de Campos Barreto ao fundar a Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado era, como vemos, a glória de Deus e a santificação de seus membros por meio de um multiforme apostolado. Este começou pequenino, restringindo-se a determinadas classes sociais e hoje, imitando o gesto largo de Jesus Cristo Crucificado, já estendeu amplamente seus braços, para abranger neste amplexo tôdas as almas necessitadas de uma palavra de salvação e de conforto.

Pertence à finalidade peculiar da Congregação: fundar centros de catecismo para crianças e adultos, sobretudo nos bairros mais difíceis da cidade; visitar os enfermos, as famílias pobres, as suspeitas de infiltrações heréticas e as que não sabem cumprir os seus deveres religiosos; ministrar aulas de catecismo em escolas, quarteis, fábricas, presídios e hospitais não dirigidos por religiosas; preparar páscoas coletivas das diversas classes sociais; colaborar na formação e orientação das associações paroquiais; cooperar como Adjuntas Técnicas no apostolado da Ação Católica, bem como na preparação das santas Missões, tanto na zona urbana como na zona rural, das visitas pastorais, dos Congressos Eucarísticos, etc...; promover a entronização do Sagrado Coração de Jesus, do Imaculado Coração de Maria e de Jesus Crucificado, nos lares, nas escolas, hospitais, repartições públicas, etc... depois de um cuidadoso saneamento moral das famílias; levar a imagem de

Nossa Senhora em visita aos domicílios, com a catequese dos mesmos; promover cursos de exercícios espirituais e de formação catequética; prestar assistência completa, como meio para a conquista espiritual, a núcleos ferroviários, operários, ruralistas, favelados, etc...

E' neste apostolado que encontra a Missionária uma fonte abundante de consolações para o Coração de Jesus Crucificado e também para o seu coração de apóstola. Na verdade, inefável é o regosijo que sente ao ser o instrumento de que Deus, em sua misericórdia, se serve para realizar maravilhas de sua graça, como estas e outras muitas, que são correntes na vida missionária:

— em uma só missão extraordinária preparar para o santo batismo vários adultos; levar à mesa eucarística pela primeira vez dezenas de crianças e adultos; conduzir novamente ao Divino Amigo centenas de almas d'Ele afastadas há 20, 30 anos; trazer para receberem as bênçãos do matrimônio mais de cem casais; levar para inúmeros doentes o sacerdote, que os disponha para o encontro com o Deus justo e misericordioso no limiar da eternidade; ministrar o pão da Palavra Divina e da doutrina cristalina do Evangelho a centenas de famílias eivadas de preconceitos contra nossa santa religião;

— em bairros rurais preparar para receberem as águas lustrais do batismo e a primeira comunhão uma centena de nipônicos e nipo-brasileiros que deram provas sobejas, em seu tirocínio, de amor verdadeiro e sincero para com Nosso Senhor, de adesão perfeita à sua doutrina e à sua Igreja;

— em páscoas coletivas conseguir que Nosso Senhor multiplique as conversões, atraindo a Si centenas de filhos pródigos, há decênios afastados do Lar Paterno e sem coragem de novamente se atirarem nos braços d'Aquêle que nunca deixou de ser Pai extremo e que com ansiedade aguardava seu regresso;

— em visitas domiciliares levar a paz a lares muitas vêzes roídos pela discórdia, levar a luz da verdade a inteligências obscurecidas por doutrinas sectárias e heréticas, levar o Amor de Jesus a corações sedentos de afeição verdadeira, levar a Vida a almas mortas pelo pecado.

Para mais completa realização de seu programa apostólico em meios difíceis, como o presídio e o quartel, por exemplo, e para maior atuação junto àqueles a quem se deve estender seu zêlo, é que as Missionárias se apresentam no meio do povo com um traje secular modesto.

Ao lado das atividades especificamente apostólicas, como meios de manutenção própria, sem descuidar do trabalho do apostolado interno, mantém a Congregação inúmeras obras de beneficência e assistência social, tais como creches, patronatos, educandários, escolas profissionais e domésticas, jardins de infância, cursos primários, ginásios, escolas normais, escolas de serviço social e formação familiar, casas de formação para empregadas domésticas, dispensários, ambulatórios, vilas de pobres, casas para inválidos e para a velhice desamparada, pensionatos para estudantes, funcionárias e senhoras, casas de retiro, etc...

Em tôdas estas Obras, que estão distribuídas em 72 Casas Missionárias, do Norte ao Sul do País, além de uma assistência completa procuram as Irmãs dar, àqueles a quem se estende sua ação, um carinho e uma solicitude verdadeiramente evangélicos.

5 — DUPLA VIDA DA CONGREGAÇÃO

Onde está o segredo verdadeiro da dedicação constante da Missionária ao apostolado e às obras por vezes penosas que reclamam seu zelo e sua solicitude? Onde a chave das graças celestes, que por vezes são autênticos milagres com os quais Jesus Crucificado sanciona de contínuo as lides apostólicas de suas esposas?

O imã que tem atraído tão copiosas e celestes bênçãos para a Congregação é a dupla vida que ela leva. A par de sua grande atividade apostólica, a Missionária tem a viver um grande programa de oração.

Quis seu Fundador que ela estivesse bem firmada na união com Deus, para que, transbordante de amor divino pudesse, qual âmbula preciosa, distribuir Jesus às almas sem jamais se esvasiar.

Tem ela diàriamente mais de quatro horas de oração, durante as quais retempera seu espírito e seu coração no santo Amor de Deus, para depois lançar-se ao largo, na difícil campanha da conquista das almas.

A virtude característica do Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado é a mansidão, que seu Fundador queria que fôsse praticada pelas Irmãs até ao sacrifício e que tem sido sempre para as Missionárias um penhor de vitória mesmo contra os corações mais endurecidos.

Dom Barreto legou às Missionárias, para a conquista das almas, uma espada de dois gumes e assim têm elas, como penhor de sua vitória na expansão do reinado de Jesus Crucificado no mundo, a devoção a Nossa Senhora e a mansidão. Queria o piedoso Bispo que suas Irmãs

fôsem profundamente devotas de Maria Santíssima sob o título de Nossa Senhora das Dores e, para mais lhes lembrar esta devoção, tôdas levam o sobrenome de Maria e usam como hábito religioso uma túnica azul e um véu branco, traje que, segundo uma tradição era usado pela Mãe de Deus.

6 — DUAS CATEGORIAS DE IRMÃS

Dedicando-se as Missionárias tão intensamente ao apostolado, e consagrando tão grande parte de seu dia à vida de oração, não lhes sobra tempo para atenderem aos afazeres domésticos em suas Casas.

Foi por isso que o espírito clarividente do Fundador quis em sua Congregação, uma dupla classe de Irmãs: Irmãs Missionárias propriamente ditas e Irmãs Missionárias Oblatas. Se às primeiras competem os trabalhos de apostolado externo e a direção interna das Obras, às segundas cabem os trabalhos domésticos das Casas.

Enquanto as primeiras empregam suas energias em favor do apostolado, as segundas cooperam ativamente nesses trabalhos missionários, oferecendo por êles a imolação oculta que delas exige o exato cumprimento dos deveres quotidianos. Tôdas as Irmãs formam, entretanto, uma única Família Religiosa, têm as mesmas Constituições e os mesmos votos a cumprir. São elas as duas asas que Dom Barreto deu ao seu Instituto, pois, como êle muitas vêzes dizia, uma só asa não faz um pássaro voar.

Diz com acêrto o Salmista: «Oh! quão bom e agradável é habitarem os irmãos em união» e S. Lourenço Justiniani afirma que nada se assemelha tanto à Jerusalém celeste como uma comunidade de religiosos vivendo em perfeita harmonia.

E' esta realmente a consoladora convivência que têm as Missionárias em suas Casas, onde tôdas alimentam um só e mesmo ideal: santificar-se para salvar as almas que Deus confia ao seu zêlo.

7 — DESENVOLVIMENTO DA CONGREGAÇÃO

Não só em suas obras têm sido grande o desenvolvimento da Congregação, mas sobretudo em seus membros, pelo que ela não cessa de agradecer a prodigalidade de Nosso Senhor em lhe enviar vocações numerosas e escolhidas.

As oito fundadoras estão hoje multiplicadas em 1307 religiosas, das quais 679 são Missionárias e 628 são Missionárias Oblatas. Os Novi-

ciados contam atualmente 88 Noviças Missionárias e 111 Noviças Missionárias Oblatas, 60 Postulantes Missionárias e 86 Postulantes Missionárias Oblatas.

Com exceção de 15 religiosas estrangeiras, as demais são todas brasileiras. Os Estados que têm dado mais vocações para a Congregação são: São Paulo, Minas Gerais, Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia, Maranhão e Piauí.

Praza a Deus haja muitas mas santas Missionárias, para que possam colaborar, de fato, com o grande e necessário apostolado da Igreja, a quem, na pessoa dos seus ministros, cabe, por direito, a tarefa de salvar as almas.



AS SECÇÕES ESTADUAIS DA C. R. B.

P. IRINEU LEOPOLDINO DE SOUSA S. D. B.

1. NECESSIDADE

Temos afirmado repetidamente, em diversas circunstâncias, que as Secções Estaduais ou Regionais da Conferência dos Religiosos são uma necessidade vital da nossa organização. Antes de mais nada, por imposição da demasiada extensão geográfica de nossa terra, importando em nuances ambientes de vida social, religiosa, econômica, cultural, com as quais devem contar os religiosos no exercício de seus apostolados. As nossas regiões geográficas são nitidamente diferenciadas pelo elemento humano que nelas está radicado. O nordestino difere do gaúcho e do mineiro, até na cadência ritimada e cantada com que fala o português. Eles dizem lá, que nós do Sul cantamos mais do que eles quando falamos. Os problemas sociais são muito diferenciados. Não saberia dizer quais são os mais graves, porque muitos se encontram em planos diversos, não permitindo comparações. Já insistimos, nas páginas desta Revista, sobre a distribuição irregular dos religiosos e das religiosas, pelas várias unidades da Federação.

Ora, é mais que evidente ser impossível, à Diretoria da C. R. B., do Rio de Janeiro, promover sosinha o movimento de atualização e organização dos religiosos, dispersos nesta vastidão imensa de território que se reparte em regiões tão caracterizadas. Há muitos problemas de ordem nacional, que afetam tanto o missionário das prelações da Amazonia, como os religiosos do nordeste, do centro ou do sul. Para estes problemas é que existe a Diretoria no Rio de Janeiro.

Mas há um grupo muito vasto de outros problemas e de outros interesses, que só podem ser devidamente atendidos no local em que se apresentam. Não é a Diretoria do Rio de Janeiro que vai providenciar melhor assistência espiritual às religiosas de Manaus, São Luiz do Maranhão ou Salvador; não é o curso de preparação de catequistas mantido na sede do nosso Departamento de Catecismo, que vai atender à necessidade das Religiosas de Porto Alegre ou Maceió para este setor vital de nosso apostolado. Se o serviço de procuradoria, junto ao Governo Federal, por sua própria natureza, se centraliza todo no Rio de Janeiro, dis-

pensando qualquer atuação de uma secção estadual, por outro lado, o serviço de viagens exige a criação de um órgão local, na capital de cada Estado. Um curso de mestras de noviças, como o que se vai realizar em S. Paulo, poderá ser frequentado, como esperamos, por um grande numero de religiosas. Inúmeras outras, entretanto, ou por motivo de finanças, dado o elevado custo das viagens atualmente, ou por razão de seus afazeres, não poderão participar. Urge portanto que estas aulas se repitam pelas secções estaduais ou regionais.

A Conferência dos Religiosos do Brasil só será uma organização completa e realmente forte, capaz de realizar o seu programa, quando a Diretoria nacional, do Rio de Janeiro, for secundada pela diretoria de uma Secção em cada Estado. Quando num dos próximos Congressos, entre as atividades previstas, pudermos programar um encontro das 20 diretorias das secções estaduais, então diremos sem erro que a C. R. B. alcançou a plenitude de sua organização, e está realmente prestando assistência a todas as comunidades religiosas presentes no Brasil. E isto não é para um futuro muito distante. Já caminhamos bastante neste sentido.

2. MANEIRA PRÁTICA

Não basta concordar em que as secções estaduais são necessárias. E' preciso encontrar logo a maneira concreta de as realizar. Assim como a Conferência, em plano nacional, surgiu de um congresso nacional, também a secção estadual deve surgir durante uma semana de estudos para religiosos e religiosas da região.

A Conferência reflete, em seus movimentos, o que há nas famílias religiosas isoladamente. Ora, nada mais vivo do que uma Congregação Religiosa. Sempre a mesma, no seu espírito e nas suas regras; e adaptando-se, de maneira tão variada, às necessidades de apostolado do meio ambiente. Assim também as secções estaduais da Conferência. São todas iguais nas características fundamentais: o ideal é sempre a atualização e organização dos religiosos, o campo em que isto se realiza são os vários apostolados que desenvolvemos, e a maneira prática consiste, antes de mais nada, em distribuir as responsabilidades do movimento pelas várias famílias religiosas que trabalham no Estado. Cada Secção criará, dentro destes princípios, os departamentos e serviços que julgar mais convenientes. Comporá sua diretoria de acôrdo com as disponibilidades de pessoal. Numa secção será possível um curso de preparação de catequistas, noutra se fará antes um curso intensivo de serviço social. Em suma, as secções da Conferência não são padronizadas. São vivas

como a própria Conferência. E tudo o que vive não comporta esquematização preconcebida.

A Diretoria não tem um plano preestabelecido para criação das Secções. Preferimos que surjam de acôrdo com as circunstâncias, na hora em que a Divina Providencia as quiser suscitar. Não temos confiança nas coisas que se criam artificialmente. Cabe aos religiosos de cada Estado criar ambiente favorável para a Secção. E virá, a seu tempo, o momento oportuno para realizar uma semana de estudos, da qual surge naturalmente, com apoio e participação de todos, a Secção Estadual.

3. AS EXPERIENCIAS JÁ REALIZADAS

A primeira secção estadual que se organizou foi a de Salvador. A semana de estudos se realizou em fevereiro de 1955, de 6 a 12. A Conferencia estava comemorando o seu primeiro aniversario de fundação. O tema era a catequese. Estiveram presentes religiosos e religiosas de todas as comunidades dos Estados da Baia e Sergipe. S. Emcia. Revma. o Sr. Cardial Dom Augusto Alvaro da Silva abençoou a organização, dando-lhe todo o apoio, e fazendo-se representar, nos trabalhos da semana, pelo seu Bispo Auxiliar. A atividade da Secção se desenvolveu regularmente, coordenando a atuação dos religiosos junto ao Governo do Estado, para obter leis adequadas ao ensino religioso nas escolas, e promovendo interessantes iniciativas de apostolado. Esperamos, oportunamente, referir estas experiências, que abrem caminhos novos ao trabalho, sobretudo das religiosas. A um ano de distancia, a Secção realizou a sua segunda semana de estudos, desta vez sobre o tema da formação humana, cristã, religiosa, e formação para o apostolado.

Em outubro de 1955 o Departamento de Serviço e Assistência Social se ramificou em Departamentos Estaduais, em Aracajú, João Pessoa, Fortaleza e São Luiz do Maranhão. Estas organizações de serviço social das religiosas estão se transformando em secções estaduais da Conferência, na medida em que completam o quadro de suas atividades.

De 5 a 11 de Fevereiro do corrente ano se realizou em Maceió uma semana de estudos para as religiosas do Estado de Alagoas, sob a presidencia do Exmo. Sr. Arcebispo Coadjutor, Dom Adelmo Cavalcante Machado. Realizaram-se os trabalhos no Colegio do SSmo. Sacramento contando com a presença de 123 religiosas. Todas as comunidades participaram. O objetivo era criar a secção estadual, com dois departamentos, o de Catecismo e o de Serviço Social, mais o serviço de viagens. Co-

laboraram na semana o Secretario Geral da C. R. B.; Frei Tito, Capuchinho do Convento de Recife; Madre Maria Franklin de Andrade, Diretora do Departamento de Serviço Social da Conferência em João Pessoa, e mais uma religiosa que trabalha no mesmo Departamento; bem como o Revmo. Pe. José Luiz Soares. Uma das sessões foi dedicada ao estudo do recrutamento e formação das vocações religiosas. As conclusões foram as seguintes: 1) reunião mensal das religiosas; 2) criação da secção estadual da Conferência, ficando já nomeadas e empossadas as diretorias da secção, do departamento de catecismo, e do departamento de serviço social; 3) funcionamento de um curso de preparação de catequistas, com a duração de dois anos, tendo ficado já deliberados todos os pormenores para o inicio em março do corrente ano; 4) realização de um curso intensivo de serviço social, no próximo período de férias; 5) criação de centros de catecismo, com alguma atividade de assistência social, confiados às comunidades de irmãs, para servirem também de campo de estágio para as alunas catequistas, na medida em que o Departamento Diocesano de Ensino Religioso for pedindo a colaboração das religiosas; 6) ficou em funcionamento o serviço de viagens; 7) celebração do dia das vocações religiosas.

A semana de Maceió entremeou as atividades de estudos, círculos e aulas, com a visita às obras sociais mais importantes da cidade. Terminou com uma festa de família, no Colégio do SSmo. Sacramento, na qual, falando em nome das semanistas, a Presidente da Secção, Madre Maria da Apresentação, entre outros pontos, salientou os seguintes: «As religiosas da Arquidiocese, em número de 123 — bem poucas ainda para o vulto do trabalho a realizar — ouviram ecoar nesta semana, de novo, a palavra de Jesus: Ide e ensinai, catequizai tôdas as crianças de Maceió, famintas da palavra de Deus. Como não se acende uma luz para colocar debaixo do alqueire, pois é próprio da luz iluminar, o óleo benfazejo dos ensinamentos que pudemos haurir durante esta semana alimentou mais ainda a chama do nosso zelo de almas consagradas, fazendo-nos descobrir bairros e ruas aonde não chegou ainda a luz divina e vivificadora do Evangelho, onde ainda não pode chegar o apóstolo que leva Cristo às almas. Quão bom e suave é viverem os irmãos unidos, — foi o hino que brotou de nossos corações durante esta semana, em que, irmanadas pelo mesmo ideal de apostolado, sentimos de perto o problema angustiante da ignorancia religiosa, e juntas nos propusemos trabalhar pela dilatação do reino de Deus. . . . Ergamos ainda um hino de louvor à Virgem

de Lourdes, cuja festa celebramos hoje, confiando à sua proteção materna o êxito da Conferência em Alagoas. Hoje, como em Caná, ouvimos a sua palavra cheia de materna solicitude: eles não têm mais vinho. Eles, os filhos dos bairros afastados, eles, os meninos da rua, não têm o vinho da catequese que fortifica e vivifica, preparando os cidadãos da terra e os eleitos do céu. E elas, as religiosas, não tinham ainda o vinho que une e articula as Congregações, elas precisavam de uma semana de estudos, para se conhecerem, se amarem e se ajudarem mutuamente. Como aos servos de Caná, também a nós a Virgem sussurra no dia de hoje: fazei tudo o que ele vos disser. Não tenhamos receios. Vamos aos bairros mais abandonados e mais pobres, vamos formar catequistas, para obedecer ao mandamento de nosso Divino Mestre: ide e ensinai».

De Maceió o Secretario Geral da C. R. B. foi a João Pessoa. De entendimento com o Sr. Arcebispo Dom Moisés, e com o Bispo Auxiliar, Dom Pereira da Costa, articulou-se com facilidade um encontro das religiosas, na tarde do dia 14 de Fevereiro. A palestra teve como tema a maneira pratica de ampliar o departamento de serviço social, que já funciona, ativo e eficiente, para se criar a secção estadual. Também em João Pessoa ficaram assentados os pormenores para a reunião mensal das religiosas, criação do departamento de catecismo, e ficou em funcionamento o serviço de viagens.

4. RESULTADOS ALCANÇADOS

Em todos os lugares onde se organiza um departamento ou uma secção da Conferência, alguma coisa de novo surge na vida e no apostolado das comunidades religiosas. São os resultados concretos da atualização e organização que se consolidam. Maior articulação das famílias religiosas entre si, verdadeiro espirito de familia e de caridade fraterna, que se afirma, realizando de maneira viva o *congregavit nos in unum Christi amor*. Novas iniciativas e novas experiências de apostolado se põem em movimento. Os serviços se vão organizando, e através deles se firmam os laços de amizade entre as famílias religiosas.

Durante o segundo Congresso dos Religiosos, em São Paulo, no mês de Julho, deverá organizar-se a secção daquele Estado. Outras estão em projeto. Recife, talvez no mesmo mês. Belem do Pará está esperando, com ambiente já preparado. E não demorará muito que também as capitais do Sul terão as suas seções organizadas. O Congresso de São Paulo marcará mais uma etapa neste caminho do nosso movimento.

CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

Novas fundações em 1955 — Ao Departamento de Estatística da Conferência dos Religiosos do Brasil chegaram informações sôbre as seguintes novas fundações realizadas no ano passado. Enquanto nos regozijamos com estas famílias religiosas, pela expansão de suas atividades e aumento do número de suas casas, esperamos receber notícias de outras fundações novas, por acaso não indicadas no elenco que aquí apresentamos.

CASAS RELIGIOSAS EM 1955 — CONGREGAÇÕES MASCULINAS

Sociedade do Apostolado Católico — Província de Santa Maria - Rio G. Sul.

— Paróquia — Cidade de Guaira — Paraná — (Janeiro 1955).

— Paróquia — Cidade de Dourados — Mato Grosso.

Ordem dos Frades Menores Capuchinhos — Província de Caxias do Sul.

— Casa N. S. Aparecida — Cidade: Aparecida do Taboado - M. Grosso.

Companhia de Jesus — Vice-Província Goiano-mineira.

— Atual residência do Vice-Provincial, transferido de Belo Horizonte futuramente Colégio Secundário: Av. Rio Branco, 2954 (22-4-55).

Juiz de Fôra — Minas Gerais.

— Vice Província de Recife:

Residência Santo Inácio: Av. 17 de Agosto, 1872 - Recife - Pernambuco (transferida para êste enderêço a Cúria Vice-Provincial) 12-4-55.

Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs — Província: Canôas - Rio G. Sul.

— Instituto Géo-Biológico — Canôas — Rio Grande do Sul (28-2-55).

— Escola Profissional — Canôas — Rio Grande do Sul (28-2-55).

— Escola tricentenária La Salle — Esteio — Rio G. Sul (28-2-55).

Ordem dos Frades Menores Capuchinhos - Vice-Província de Belterra - Pará

— Paróquia — Santarém — Pará (28-2-55).

Ordem dos Frades Menores — Província — Olímpia — São Paulo.

— Ginásio São José — Bastos — São Paulo! (fevereiro 1955).

— Residência PP. Franciscanos e próximo futuro Seminário Seráfico Bebedouro — São Paulo (fevereiro 1955).

— Paróquia N. Senhora de Lourdes — Garças — São Paulo (fev. 1955.)

— Convento Nossa Senhora de Fátima — São Paulo.

Irmãos Maristas — Província: Mendes — Estado do Rio.

— Ginásio Sagrado Coração de Jesus — Londrina — Paraná (5-1955).

Filhos do Sagrado Coração de Jesus — Casa Regional de S. Mateus - E. Santo.
 — Paróquia de São José — João Neiva — Espírito Santo (janeiro 1955).
 — Paróquia de São Mateus — Espírito Santo (fevereiro 1955).

SS. Redentor — Província Garanhuns.

— Paróquia N. S. do Perpétuo Socorro — Recife - Pernambuco (8-5-55)

Oblatos de São Francisco de Sales — Casa Regional - D. Pedrito - Rio G. Sul.
 — Seminário Menor — Braga — Rio G. Sul (1955).

Pia Sociedade São Francisco de Sales — Província de São Paulo.

— Aprendizado Presidente Dutra — Taquarí — Rio G. Sul — (1-2-55).

CASAS RELIGIOSAS FUNDADAS EM 1955 — Congregações Femininas

Filhas do Amor Divino — Província de Natal.

— Pequena Cruzada de Santa Terezinha — Rua Epitácio Pessoa
 Distrito Federal (fevereiro 1955).

Apostolado Católico — Província Santa Maria.

— Noviciado Sagrado Coração de Jesus — Santa Maria - R.G.S. (3-55).

Assunção de Nossa Senhora — Província — São Paulo.

— Instituto Assunção — Av. Tocantins, 22 — Goiânia — Goiás (1955).
 — Ginásio Coração de Maria — Itapaci — Goiás.

Irs. Beneditinas da Divina Providência - Província: Nova Veneza - S. Catarina

— Vila São Vicente — Eloi Mendes — Minas Gerais (fevereiro 1955).
 — Seminário N. Senhora das Dores — Turvo - S. Catarina (fev. 1955).
 — Escola Apostólica N. S. de Fátima — Bananal - Espírito Santo (5-55).

Instituto das Irmãs Carmelitas da Caridade — Província: Buenos Aires

— Escola — Mandaguaçu — Paraná (março 1955).

Instituto das Irmãs Missionárias da Consolata — Província: São Paulo.

— Hospital — São Miguel Paulista — São Paulo (27-4-55).

Irmãs da Divina Providência — Província: Florianópolis.

— Hospital Nossa S. das Graças — Bom Retiro — S. Catarina (15-1-55).
 — Serviço Doméstico do Seminário Sag. Coração de Jesus — Corupá.
 Santa Catarina (15-1-55).

Congregação das Irmãs do Divino Salvador - Província: Videira - S. Catarina
— Escola — Rua Marcílio Dias, 1201 — Porto Alegre — R. G. S. 11-2-55.
— Orfanato — Lages — Santa Catarina — (23-5-55).

Irmãs Franciscanas Bernardinas — Província: Guaramirim — S. Catarina.
— Colégio N. S. das Graças — Lagoa Vermelha - Rio G. Sul (15-2-55).
— Asilo S. Vicente — S. Sebastião do Paraíso - M. Gerais (20-3-55).

Franciscanas do Coração de Maria

— Educandário N. S. das Graças (anexo Hospital "Santa Filomena").
Ibiaçá — Município de Lagoa Vermelha — Rio G. Sul (26-4-55).

Irmãs Hospitaleiras Portugêsas

— Abrigo S. Vicente de Paulo — Av. Paulista — Ilhéus - Bahia (15-1-55).
— Beneficência Portuguesa — R. Brig. Tobias, 347 - S. Paulo C. (2-2-55).

Irmãs Franciscanas da Imac. Conceição de Bonlandem — Província: S. Paulo.

— Escola S. Francisco - S. Martinho (mun. de Três Passos) RGS 24-4-55

Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade

— Instituto N. S. da Piedade — Rua Fernando Osório, 20 D. F. (1955).

Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã — Provincia Santa Maria.

— Patronato São Francisco — Dourados — Mato Grosso — (9-2-55).
— Convento S. Francisco - R. Gaspar Martins - S. Maria - R.G.S. (6-55).

Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria — Província de Curitiba.

— Escola Santo Antonio — Colônia Santo Antonio — Município Bituruna — Via União da Vitória — Paraná — (6-2-55).
— Seminário Diocesano N. S. da Assunção - Jacarezinho - Paraná 14-2-55
— Escola Municipal - Colônia R. da Prata - Ibirama - S. Catarina 23-2-55.

Irmãs da Imaculada Conceição

— Lar das Meninas - R. Diamantina, 890 - B. Horizonte - Minas (2-2-55).
— Santa Casa da Misericórdia Nossa Senhora da Conceição — Cunha São Paulo (19-3-55).

Servas da Imaculada Virgem Maria

— Hospital — União da Vitória — Paraná (1955).

Missionárias de Jesus Crucificado — Província. Campinas.

— Casa do Cura D'Ars — Seminário Diocesano — Campinas — São Paulo (3-3-55).

São Paulo — Capital (11-2-55).

— Casa do Imaculado Coração de Maria - Rua Carlos Sampaio, 291

Idem — Província: Rio de Janeiro.

— Casa N. Senhora de Fátima — Barra do Piraí — E. do Rio (22-8-55).

Missionárias de Jesus Crucificado — Província: Porto Alegre

— Casa N. S. Medianeira - R. Vitor Meireles - P. Alegre - RGS (15-9-55)

Servas de Jesus Sacerdote

— Asilo S. Vicente de Paulo - R. Comércio, 4 - Franca - S. Paulo 15-4-55

Irmãs de Jesus na SSma. Eucaristia

— Pré-Seminário Coração Imaculado de Maria — Marilândia - Município Colatina — Espírito Santo (2-2-55).

Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora — Província de São Paulo.

— Instituto Santa Teresa — Rua Visconde de Castro Lima, 22 — Lorena — São Paulo (7-2-55).

Idem — Província — Recife.

— Casa Madre Bazzarello — Rua Lins Petit — Boa Vista — Recife Pernambuco (19-2-55).

Idem: Província — Campo Grande.

— Casa Imaculada Auxiliadora — Rua Coronel Duarte, 24 — Cuiabá Mato Grosso (11-2-55).

— Escola Profissional Maria Auxiliadora — Praça do Seminário, 141 Cuiabá — Mato Grosso — (11-2-55).

Instituto das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada.

— Casa Nossa Senhora da Paz — Rua Visconde de Pirajá, 151 — Ipanema — Distrito Federal (25-3-55).

Congregação das Irmãs de Nossa Senhora — Província de Passo Fundo

— Hospital N. S. da Saúde — Getúlio Vargas — Rio G. Sul (15-3-55).

Pia Sociedade Nossa Senhora da Glória

— Sodalício da Sacra Família - Alzira Brandão, 76 - Tijuca D. F. 24-4-55

Servas da Sagrada Família — Província da Bahia.

— Hospital — Nazaré — Bahia (1-2-55).

Sagrada Família de Bordeus — Província de São Paulo.

— Pensionato - R. Américo Luz, 68 - Muzambinho - M. Gerais 12-3-55.

Missionárias Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus — Província de Curitiba.

— Casa da Criança — Matias Cintra — S. João da Boa Vista — São Paulo (20-2-55).

Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena

— Santa Casa — Cajuru — São Paulo (1955).

— Pensionato Santo Antonio — Rua Cosme Velho, 442 — D. F. (1955).

Missionárias do SSmo. Sacramento e Maria Imaculada

— Colégio — Três Corações — Minas Gerais (28-7-55).

Congregação de S. João Batista e S. Catarina de Sena - Província de Uberaba.

— Obras Sociais Nossa Senhora da Consolação — Rua João Mocelin, 716 Caxias do Sul — Rio G. do Sul (25-3-55).

Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo — Província do Rio de Janeiro.

— Policlínica dos Pescadores — Praça Servulo Dourado - D. F. (1-1-55).

— Hospital Cassiano Campolina — Entre Rios — M. Gerais (3-1-55).

— Dispensário São Vicente de Paulo — Av. S. Leopoldo, 1240 — Esteio Rio G. do Sul (15-2-55).

— Escola Profissional da Vila de Nazaré — Manaus - Amazonas (3-3-55)

— Hospital de Alegre — Alegre — Espírito Santo (3-4-55).

— Patronato Sagrada Família — Fortaleza — Ceará.

— Hospital Getúlio Vargas (I.A.P.E.T.C.) — Bairro: Bongí — Avenida San Martin — Recife — Pernambuco (6-5-55).

— Hospital Carmela Dutra — Bom Jesus da Lapa — Bahia (6-5-55).

Idem — Província: Curitiba.

— Asilo São Vicente — Carasinho — Rio G. do Sul (13-3-55).

— Casa de Saúde "Dr. Ninno" — Porecatú — Paraná — (12-4-55).

— Hospital São Pedro — Campo Mourão — Paraná (10-5-55).

Irmãs de São Vicente de Paulo de Gyzege

— Asilo S. Vicente de Paulo — Rua S. Cruz, 216 - Sorocaba - S. Paulo.

NOVAS PROVÍNCIAS BRASILEIRAS

Congregação Masculina

A Vice-Província dos PP. Sacramentinos, do Rio de Janeiro, foi elevada à categoria de Província em 1955.

Congregação Feminina

Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado:

- Província de Jesus Crucificado do Rio de Janeiro - D. F. (2-2-55).
- Província de São José — Fortaleza — Ceará (31-5-55).
- Província do Coração Eucarístico de Jesus — Porto Alegre — Rio Grande do Sul (15-9-55).

NOVAS CONGREGAÇÕES NO BRASIL, VINDAS DO ESTRANGEIRO, EM 1955

Irmãs dos Sagrados Corações — Nunciatura Apostólica — Rua Almirante Alexandrino, 1112 — Distrito Federal (junho de 1955).

Missionárias Paroquiais (Espanha) Asilo de Inválidos — Tieté — São Paulo, PP. Mínimos de São Francisco de Paula, para o Rio de Janeiro, paróquia na Tijuca, em novembro de 1955.

Dados colhidos pelo D. E. — Conferência dos Religiosos do Brasil 30-11-55

o O o

V Centenário da morte de São João de Capistrano. O Santo Padre Pio XII, a 4 de outubro, enviou carta apostólica ao Revmo. Pe. Agostinho Sépinski, Ministro Geral dos Frades Menores, em comemoração do V Centenário da morte de São João Capistrano, Franciscano. Nessa carta o santo de Capistrano, "invicto defensor e propagador da religião cristã, esforçado custodio da fé católica, filho, devoto e colaborador incansável dos Romanos Pontífices, e restaurador da disciplina eclesiástica na sua Ordem e entre o Cléro", é proposto como exemplo a imitar, nestes tempos, que nada diferem daqueles em que o santo viveu, e que, como então, precisam da santidade como único remédio aos males que nos rodeiam.

Curso de apostolado social para Irmãs. Roma — Eis as conclusões do Curso de apostolado social realizado em Roma na primeira semana de janeiro, com a participação de mais de 1.000 Irmãs de 300 casas religiosas da cidade: "As revdas Irmãs, participantes do curso convocado pela Sagrada Congregação dos Religiosos, Comité

Italiano Superior e Conselho Central das Senhoras de A. C., para comemorar o 10.º aniversário do discurso pontifício "Sobre os deveres da mulher" de 21 de outubro de 1945, vista a situação social de hoje, que exige uma participação mais consciente, inteligente e ativa de cada mulher, para a reconstrução de um mundo melhor; considerados os motivos que exigem a plena colaboração, também das mulheres, em todos os setores da vida hodierna, isto é, para o bem da pessoa humana, da família, da sociedade, da religião; estudados, à Luz do Evangelho; os movimentos e os problemas sociais mais urgentes que hoje interessam ao mundo feminino, os princípios e os critérios cristãos para a formação social integral da mulher, fazem votos: 1) de aproveitar todos os meios que se apresentam para um conhecimento cada vez mais profundo da doutrina social cristã e dos fenômenos sociais hodiernos, de modo que seu apostolado seja sempre mais apropriado às exigências da hora atual; 2) de estudar os meios adequados para sensibilizar, para a vida social cristã, as jovens, as mulheres e os ambientes que podem alcançar em seu

apostolado; 3) de colaborar em tôdas as atividades (conforme o espírito da própria S. Regra) que tendem a realizar uma eficaz presença da Irmã, como tal, na vida social.

Esta operosidade entendem desenvolver em espírito de oração e de sacrifício, de fidelidade aos ensinamentos da Igreja, de ciliidade à Autoridade Eclesiástica e a seus veneráveis Superiores, clareza sobrenatural para o triunfo do reino social de Nosso Senhor Jesus Cristo, sob a alta proteção de Maria Santíssima luminoso exemplar da mulher ocupada na sua alta e benéfica missão social".

Instituto Romano "Regina Mundi" — Roma — Êxito notável alcançou o Instituto Romano de Ciências Sagradas "Regina Mundi" (vide Revista da C. R. B., n.º 3, página 132) em seu primeiro ano de funcionamento. Destinado a preparar elementos de escol entre os membros de Congregações e Institutos Religiosos femininos, ministrando-lhes uma instrução superior em ciências sagradas, foi frequentado por 132 Irmãs de 22 países, pertencentes a 58 Congregações Religiosas. Neste ano o curso conta com 108 inscritas, assim distribuídas pelas nacionalidades: Argentina 2, Bélgica 6, Brasil 6, Canadá 8, China 2, Colombia 4, Cuba 3, Espanha 34, Estados Unidos 31, Filipinas 3, França 14, Holanda 3, Hungria 1, Índia 2, Inglaterra 8, Irlanda 2, Itália 31, Japão 2, Jugoslávia 2, Lituânia 1, Polónia 3, Portugal 2, Tchecoslováquia 1. A lição inaugural do novo ano letivo foi ministrada, a 17 de outubro de 1956, pelo Revmo. Pe. Dezza, S. J., Presidente do Instituto.

Jubileu aureo sacerdotal — Universidade Rural — No dia 29 de dezembro, Pe. Frei André Wild, O. F. M. Conv., pároco e capelão da Universidade Rural, completou 50 anos de sacerdócio. Ordenou-se na Basílica de Santo Antonio, na cidade da Pádua, Itália depois de brilhante curso teológico na Universidade de Insbruck, Áustria.

Nativo da Hungria, chegou ao Brasil em 1902 e naturalizou-se. Ocupou os cargos de Professor de Filosofia na Escola Normal Estadual de Porto Alegre, professor de línguas no Ginásio Santo Antonio, São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul; sendo nomeado em 1949 primeiro capelão e pároco da Universidade Rural.

De 1932 a 1938 foi Confessor Apostólico na Basílica de São Pedro, em Roma; prêmio que lhe foi conferido pelos destacados

serviços prestados à Santa Igreja e à Ordem dos Frades Menores Conventuais, como escritor, jornalista e Comissário Geral da Província Húngara, Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, éle é também Cavaleiro da Ordem de Malta com cruz de prata. Comendador da Ordem de Pio XI, e Cavaleiro com cruz de prata da Ordem da Jerusalém. Foi várias vezes condecorado pelo Império Austro-Húngaro; recebeu do Imperador Franz-Joseph a medalha "Pius meritis Sacerdotalibus".

Realizou-se calorosa manifestação de apreço no dia 23 de dezembro entre seus paroquianos, além das homenagens solenes prestadas pelo corpo docente e alunos da Universidade. No dia 8 de janeiro na sede da Vice Previdência dos Franciscanos Conventuais, na Matriz de São Francisco de Assis, no Rio Comprido, foi celebrada Missa solene em Ação de Graças pelo venerável jubilado, com pregação de D. Rodolfo das Mercês de Oliveira Pena, Bispo Diocesano de Marquês de Valença. A noite do mesmo dia, Sua Eminência Revma. D. Jaime de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo Metropolitano, oficiou o "I'e Deum" solene, sandando ao benemérito Frei André com expressiva alocução.

Reverenda Madre Jeanne Corneau — Faleceu em Paris no dia 19 de dezembro a Reverenda Madre Jeanne Corneau — Superiora Geral da Congregação de Nossa Senhora do Cenáculo.

Nascida em Paris, em 1886, a Revma. Madre Jeanne Corneau, entrou para a Congregação de Nossa Senhora do Cenáculo em 1912, fêz seus primeiros votos em 1914. Tendo muito cedo dado provas de sua grande capacidade e dons sobrenaturais, exerceu sucessivamente os cargos de Superiora, Provincial, Instrutora do 3.º Ano, sendo eleita Superiora Geral no dia 9 de julho de 1908, e reeleita em 1910.

Seu governo foi assinalado pela Beatificação da Madre Fundadora; Maria Vitória Teresa Cordero, a 4 de Novembro de 1951, e por um grande desenvolvimento da Congregação em diversas partes do mundo; foram fundadas durante os 17 anos de seu generalato 24 Casas, penetrando o Cenáculo no Canadá, na Suíça, na África (2 casas missionárias em Madagascas) e em Nova Zelândia. Entre estas fundações também contam-se as duas novas Casas de Retiro no Brasil, em Belo Horizonte e São Paulo.

SANTOS FUNDADORES CELEBRADOS NO MÊS DE MARÇO

8 — **São João de Deus**, Conf. (1495-1550), fundador da Ordem dos Irmãos Hospitaleiros.

Célebre pela visão de Nosso Senhor a quem recebeu como mendigo, lavando-lhe as feridas. Nascido em Portugal, realizou seu apostolado na Espanha. Depois de soldado, operário etc., dedicou-se às obras de misericórdia. Fundou em Granada um hospital com todos os requisitos e várias repartições para as múltiplas doenças, socorrendo contemporaneamente necessitados, moças periclitantes, etc. Ao redor d'ele ajuntaram-se muitos companheiros que, depois de sua morte, constituíram a Ordem dos Irmãos Hospitaleiros de São João de Deus.

15 — **Santa Luiza de Marillac**, Viuva (1591-1660), Confundadora das Irmãs de Caridade.

Espôsa exemplar e depois viuva aos 33 anos, consagrou-se totalmente a uma vida de devoção. Tornou-se logo a principal colaboradora das obras de caridade de São Vicente de Paulo. Desde 1633 começou a hospedar em sua casa moças, como ela dedicadas ao bom andamento daquelas obras de caridade. O sodalício, conhecido pelo seu modesto hábito cinzento, foi reconhecido em 1646 como Confraria das "Irmãs de Caridade". A fundadora, ficando sempre na direção da obra, dedicou-se com a maior abnegação, até a morte, às curas hospitaleiras.

21 — **São Bento de Núrcia**, Abade, (480-547), fundador dos Monges Beneditinos.

Com toda razão foi chamado pai e restaurador da vida monástica no ocidente. De família nobre cursou seus estudos em Roma, mas desejoso, desde a mocidade, de solidão, retirou-se aos montes rochosos e selvagens de Subiaco, onde ficou mais de três anos. Desconhecido por todos, recebeu, afinal, o hábito monacal por Romano, que, mais tarde, o apresentou como abade do mosteiro de Vicovaro. Daqui, constrangido pela indisciplina dos monges do tempo, teve que fugir para Cassino, onde, no alto do monte, fundou um novo mosteiro, pregou aos habitantes do lugar e disciplinou a vida dos monges que a ele se uniram para o serviço de Deus. A Regra que para eles escreveu constituiu a norma mais perfeita de vida religiosa, que por muitos séculos serviu de base para outros fundadores de Ordens. O mosteiro de Monte Cassino, por ele santificado, resplandece até o presente como farol de santidade, de ciência, de luta e de trabalho.

25 — **Santa Luzia Filippini**, Virgem (1672-1732), fundadora do Instituto das Mestras Pias Filippinas.

Educada num mosteiro de Beneditinas e depois no de Santa Clara de Montefiascone, dedicou-se ao ensino religioso e civil da mocidade feminina, colaborando com a Ven. Rosa Venerini, que fundará várias escolas do gênero. Ela mesma, dando grande impulso e um espírito próprio, fundou e dirigiu muitas dessas escolas, uma das quais em Roma. Mulher de grandes virtudes, foi beatificada em 1926 e canonizada em 1930.